



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ – CERES
DEPARTAMENTO DE LETRAS DO CERES – DLC
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

TEREZA CRISTINA NUNES DE OLIVEIRA

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO GÊNERO TIRINHA: UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

**CURRAIS NOVOS-RN
2019**

TEREZA CRISTINA NUNES DE OLIVEIRA

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO GÊNERO TIRINHA: UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – *campus* de Currais Novos, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Sales Santiago

FOLHA DE APROVAÇÃO

TEREZA CRISTINA NUNES DE OLIVEIRA

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO GÊNERO TIRINHA: UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Aprovada em _____ de _____ de _____

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – *campus* de Currais Novos, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Prof. Dr. Márcio Sales Santiago
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Presidente – Orientador

Profa. Dra. Edmar Peixoto de Lima
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Prof. Dr. Urbano Cavalcante da Silva Filho
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ensino Superior do Seridó - CERES Currais Novos

Oliveira, Tereza Cristina Nunes de.

A variação linguística no gênero tirinha: uma proposta de intervenção nas aulas de língua portuguesa no ensino fundamental II / Tereza Cristina Nunes de Oliveira. - 2019.

115 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras. Currais Novos, RN, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Sales Santiago.

1. Variação linguística - Língua portuguesa - Dissertação. 2. Língua portuguesa - Ensino - Dissertação. 3. Variação linguística - Gênero tirinha - Dissertação. I. Santiago, Márcio Sales. II. Título.

RN/UF/BS-CERES Currais Novos

CDU 811.134.3'282

Elaborado por Jailma Santos - CRB-15/745

Dedico este trabalho aos meus alunos –
minha motivação profissional – e à minha
família, que me estimula a lutar e vencer
todos os dias, sejam eles de sol ou de
chuva.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela vida e por ter me proporcionado força e coragem para a concretização deste momento.

À minha família, pelo amor, cuidado e apoio incondicional.

À minha mãe e ao meu padrasto, aos quais agradeço a preocupação e toda confiança depositada em mim.

À minha irmã, Letícia Damares, por acreditar incessantemente em mim como profissional e pessoa.

À minha prima, Rita de Cássia, por ter me auxiliado com tanto apreço quando mais precisei.

Aos meus amigos, aos quais me apoiam e compreendem a minha dedicação para a realização deste sonho.

Agradeço aos meus amigos e companheiros de Universidade que estiveram juntos a mim, aos quais irão continuar presentes em minha vida.

Aos meus colegas e amigos da Escola Municipal Professor Raimundo Guerra e do Centro de Ensino Atual pelo incentivo e compreensão.

Aos meus ex-alunos do 9º ano da Escola Municipal Prof. Raimundo Guerra que contribuíram diretamente para a elaboração deste trabalho.

Agradeço a todos os professores que me proporcionaram a construção do conhecimento neste processo de formação.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Márcio Santiago, pela orientação, pelo conhecimento, apoio e confiança na elaboração deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho objetiva investigar as variações linguísticas da língua portuguesa, através de análises linguísticas no gênero textual tirinha, especialmente do personagem Chico Bento. Este estudo busca reconhecer as variações existentes em alguns contextos de seus falantes, e por meio de textos discutir a intencionalidade delas, à medida que haja constatação sobre esses fenômenos que integram a língua portuguesa. A partir disso, propõe-se que haja uma postura de valorização para que dessa maneira estimule um combate ao preconceito linguístico, como também um aprimoramento das competências linguísticas dos envolvidos neste trabalho. O objeto em estudo partiu de uma inquietude causada no ambiente das aulas de língua portuguesa, à proporção em que os aprendizes se deparavam com aspectos da língua que não condiziam regularmente com a sua realidade. Para isto, a pesquisa tem como embasamento teórico os estudos sociolinguísticos de Bagno (2007; 2009; 2013), Bortoni-Ricardo (2004;2005), Labov (2008), Faraco (2008) e Antunes (2007). Para estudos relativos a texto e gênero, abordamos os trabalhos de Antunes (2010; 2009), Marcuschi (2008), Dolz e Schneuwly (2004) e Koch (2012). Na metodologia, fundamentada nos pressupostos dos teóricos Thiollent (2011), Flick (2009) e Zabala (1998), foi desenvolvida uma pesquisa-ação, através da elaboração de uma sequência didática que pudesse, a partir de um gênero textual, motivar um envolvimento dos alunos para a função comunicativa da escrita, e principalmente analisar as variações linguísticas como uma prática social e assim anular o conceito de erro que elas possuem. Os resultados obtidos demonstraram que a proposta de intervenção didática obteve êxito em seus objetivos, tendo em vista que os alunos puderam compreender que as variações linguísticas são fenômenos inerentes da nossa língua. Conferiu-se essa concepção através de momentos de reflexões e discussões, que favoreceram mudanças na visão de cada um sobre a língua portuguesa. Ainda puderam constatar que não há como considerar uma língua mais correta ou não, mas aquela adequada, principalmente em relação aos falantes das comunidades rurais, posto que não é uma variante específica deles, já que podemos encontrá-las em outros contextos também. Com isso, foi possível compreender que nenhuma linguagem deverá ser desprezada, já que não existe homogeneidade nela.

Palavras-chave: Variação linguística. Ensino de Língua Portuguesa. Tirinha. Pesquisa-ação.

ABSTRACT

This work aims to investigate the linguistic varieties of the Portuguese language, through the linguistic analysis about the comic trip, specifically the character Chico Bento. This study looks to recognize the existent variations in some contexts of his speakers and through texts discuss their intentionality, while there is observation on these phenomena that integrate the Portuguese language. From that, one proposes that there is a posture of increase in value so that in this way it stimulates a combat to the linguistic prejudice, just as an improvement of the linguistic competences of the wrapped ones in this work. The object in study left from an anxiety caused in the environment of the classrooms of Portuguese language, to the proportion in which the apprentices were coming across aspects of the language that were not matching regularly his reality. This research is grounded on the theoretical assumptions of the sociolinguistics theory proposed by Bagno (2007; 2009; 2013), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Labov (2008), Faraco (2008) and Antunes (2007). For studies relative to genre, we board the works of Antunes (2010; 2009), Marcuschi (2008), Dolz and Schneuwly (2004) and Koch (2012). In the methodology based on the presuppositions of the theoreticians Thiollent (2011), Flick (2009) and Zabala (1998), was developed an inquiry-action, through the preparation of an educational sequence that could, from a textual type, cause an involvement of the pupils for the communicative function of the writing, and mainly analyses the linguistic variations as a social practice and so cancel the concept of mistake that they have. The obtained results demonstrated that the proposal of educational intervention obtained result in his objectives, having in mind that the pupils could understand that the linguistic variations are inherent phenomena of our language. It gave itself this conception through moments of reflections and discussions, which favored changes in the vision of each one on the Portuguese language. They could still note than there is no way to consider a more correct language or not, but appropriate that one, mainly regarding the speakers of the rural communities, although it is not a variant specifically of them, since we can find them in other contexts also. Therewith it was possible to understand that no language should be neglected, since there is no homogeneity in it.

Keywords: Linguistic variation. Portuguese language teaching. Comic trip. Research-action.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Atividade de análise linguística	63
Figura 2: Atividade de análise linguística	65
Figura 3: Proposta textual – 1ª atividade.....	68
Figura 4: Proposta textual – 2ª atividade.....	69
Figura 5: Glossário das variantes.....	79
Figura 6: Análise linguística.....	80
Figura 7: Glossário das variantes.....	81
Figura 8: Glossário das variantes.....	83
Figura 9: Análise linguística.....	89
Figura 10: Análise linguística.....	93

SUMÁRIO

FOLHA DE APROVAÇÃO	9
INTRODUÇÃO.....	9
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1.1. O gênero como perspectiva de ensino.....	16
1.2. O texto e a importância da análise linguística.....	24
1.3. Considerações sobre o gênero história em quadrinhos	27
1.3.1. A tirinha: origem e características.....	29
1.3.2. A tirinha na sala de aula de língua portuguesa	31
1.4. O texto e a variação linguística	34
1.5. O tratamento da variação linguística e as implicações para o ensino.....	41
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	46
2.1. Pesquisa-ação	47
2.2. Ambiente e participantes da pesquisa	48
2.3. A sequência didática.....	48
2.4. Proposta de intervenção.....	54
2.4.1. Etapas da proposta didática.....	56
3. ANÁLISES E RESULTADOS DA PESQUISA	60
3.1. Módulo 1	60
3.2. Módulo 2	61
3.3. Módulo 3	68
3.4. Módulo 4	76
3.5. Módulo 5	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA OS PAIS.....	99
APÊNDICE B – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	100
APÊNDICE C – VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM TIRINHAS DO CHICO BENTO	101
APÊNDICE D – PROPOSTA DE PRODUÇÕES TEXTUAIS	110
APÊNDICE E – A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM NOSSO COTIDIANO	111
APÊNDICE F – ATIVIDADE DE ANÁLISE LINGUÍSTICA.....	112
ANEXO A – TIRINHAS DO PERSONAGEM CHICO BENTO	113

INTRODUÇÃO

A língua é um fenômeno intrinsecamente social, considerada também como um processo dinâmico e instável, logo podemos considerá-la uma atividade interativa, por isso um dos grandes desafios do ensino hoje é motivar o aluno a refletir sobre a sua própria língua. Compreendemos que a partir da língua que se adote, a concepção de sujeito responsável pela linguagem também são passíveis de mudanças. Sendo assim, exercem várias funções, embora o seu papel principal seja a interação social, visto que, através da linguagem podemos expressar nossos pensamentos.

Nesse sentido, Koch (2003) corrobora dessa ideia quando reconhece que a língua é uma representação do pensamento. Decorrendo a partir disso a visão da língua como estrutura que proporciona ao sujeito o poder de deter o domínio sobre suas ações. Logo, podemos considerar a língua como lugar de interação, ou seja, uma representação do sujeito que tem como intuito ser compreendido pelo seu interlocutor da mesma forma como foi planejada por ele.

Dedicamo-nos ao tema da variação linguística, pois consideramos muito relevante discuti-lo, tendo em vista que a linguagem e a sociedade são pontos que estão muito ligados entre si. Logo, é de fundamental importância reflexões sobre os fenômenos linguísticos que circundam o nosso dia a dia.

No Brasil é comum as diferenças linguísticas não serem consideradas nas escolas, já que a maioria delas são condicionadas para ensinar apenas a língua de uma cultura dominante e conseqüentemente tudo que se afastar dela será descartada e ignorada. Partindo dessa ideia, compreendemos que a língua portuguesa não necessita excluir nenhuma variante que dela faça parte, assim como não deve valorizar apenas uma variável.

Entretanto, é preciso que sejam criados métodos e atividades significativas para que esses fenômenos sejam analisados e orientados sobre as formas mais adequadas em usá-las, através de propostas de análises linguísticas de diferentes gêneros textuais.

Preferencialmente, optar por textos que façam parte do cotidiano da maioria dos alunos; além disso, realizar atividades a partir da própria linguagem deles e das

peças com as quais convivem, para que percebam que as variações podem estar presentes em situações e ambientes distintos.

Partindo dessa percepção surgiu uma motivação para que alguns pontos sobre linguagens fossem tratados em sala de aula, uma vez que esse desejo se apresentou a partir da leitura de alguns textos nas aulas de língua portuguesa que possuíam alguma variação linguística.

Diante do exposto, os alunos questionaram o motivo pelo qual alguns termos eram vistos como erros, já que ali representavam traços linguísticos que eram comuns em nossa língua. Inicialmente os questionamentos feitos pelos alunos eram referentes à própria linguagem que usavam, pois perceberam que não coincidia com a maioria dos textos que se deparavam na escola. Além disso, o fato de alguns residirem na zona rural, fez com que surgissem hesitações sobre o que na verdade seria certo ou errado dentro da nossa língua, na visão deles.

É notório que, independente de que grupo social pertençam ou participem, sempre surgirão peculiaridades em sua linguagem. Contudo, percebemos que tal caso não é respeitado ou não valorizado no processo de ensino-aprendizagem, gerando um desconforto para eles, pois sentem-se como se a sua língua não fosse aceita ou que “não soubessem português”.

A partir dessas situações expostas, com a intenção de compreender e esclarecer alguns casos em nossa língua, foi essencial as seguintes indagações neste trabalho:

- a) A língua é uma identidade social para seus falantes?
- b) De que formas as variações linguísticas podem surgir nos diferentes contextos e o que pode influenciá-las?
- c) As variações devem ser vistas como prática social ou erro?
- d) O que pode gerar o preconceito linguístico?

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo geral examinar as variações linguísticas da língua portuguesa, sob uma concepção sociolinguística, a partir do gênero tirinha, especificamente do personagem Chico Bento, sem que haja uma desvalorização da língua empregada nela, uma vez que é comum nos depararmos com esse fato.

Já em relação aos objetivos específicos, esperamos reconhecer as variações presentes em diferentes contextos e constatar o porquê desse fato; analisar textos

com a presença de variações linguísticas e discuti-las a fim de entendermos as possíveis intenções delas; inteirar-se acerca do preconceito linguístico, isto é, a partir de que casos elas podem surgir e por que isso resulta em visões estereotipadas da língua.

É nessa perspectiva que justificamos o nosso estudo, visto que é evidente em qualquer grupo social, etário, regional, entre outros, as particularidades serem notadas e assim evidenciarmos o quanto a nossa língua possui possibilidades de uso de linguagens dependendo da finalidade.

O aluno também precisa reiterar-se sobre o preconceito que muitos falantes sofrem em relação à maneira que escrevem ou falam, ocasionando muitas situações constrangedoras, ao passo que ele faz uso de algo que faz parte da sua identidade cultural. Assumir a posição que os falantes são os sujeitos responsáveis pela língua que usam é um princípio norteador para esclarecer muitos questionamentos, e sobretudo despontar tais questionamentos em sala de aula é essencial, pois há uma escassez de discussões sobre esses fatores na escola, defendendo dessa forma a relevância de tratar disso neste trabalho.

Desse modo, posto que serão discutidos alguns aspectos sobre as variações linguísticas neste trabalho, nos apoiaremos em Bagno (2007; 2009; 2013), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Antunes (2007), Labov (2008), Faraco (2008), Brasil (1997), pois possuem contribuições relevantes sobre a temática, além desses, outros teóricos foram acrescentados a este trabalho.

Em relação ao estudo de texto e gênero, nos embasaremos em autores com estudos consideráveis sobre estas questões, como Antunes (2010; 2009), Marcuschi (2008), Dolz e Schneuwly (2004) e Koch (2012;2003).

Por conseguinte, buscamos apresentar contribuições e novas perspectivas acerca do tema aqui proposto, partindo do ensino de texto e tratar sobre aspectos linguísticos, especialmente sobre as variações da nossa língua, perante alguns aspectos.

Além desta introdução, o presente trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo trata sobre a fundamentação teórica, e considerando a necessidade de abordarmos o texto em sala de aula, sob o apoio de um gênero textual, apresentamos como aporte alguns estudiosos da área, que nos subsidiaram

em relação ao uso dos gêneros como uma proposta de ensino voltada para uma prática social.

Esta proposição possibilitou ao aluno uma aprendizagem significativa, outrossim, fortalecer e ampliar as suas aquisições linguísticas.

Ainda neste capítulo, explanamos a importância de analisar textos linguisticamente, pois a compreensão textual abrange muitos aspectos da língua que são essenciais para um evento comunicativo.

Ademais, nenhuma circunstância presente na língua pode ser desprezada pelos seus falantes, visando proporcionar uma valorização sobre ela.

Sobre gêneros, destacamos a história em quadrinhos, e posteriormente a tirinha virá como enfoque principal. Na discussão, foram postas suas principais características, bem como a importância de trabalharmos com esses textos em sala de aula.

Quando nos referimos à texto, é inevitável não considerarmos a sua estrutura linguística, então, tratamos sobre a variação linguística no gênero já citado, além de abordar como essa variação é tratada em sala de aula e quais as implicações que ela pode ocasionar. A partir disso, pretendemos desmitificar muitos fatos relacionados a linguagem considerada mais simples e que faz parte do cotidiano da maioria dos usuários da nossa língua.

O segundo capítulo, referente à Metodologia, está exposto o tipo de pesquisa que foi utilizado neste trabalho, os motivos que desencadearam a construção de uma proposta de intervenção, através de uma sequência didática aplicada em determinada turma de alunos.

Dessa maneira, as análises textuais partiram principalmente de tirinhas do personagem Chico Bento, com o objetivo de provocar discussões sobre aspectos da língua e posteriormente foram analisados os resultados obtidos durante a execução das propostas sequenciadas.

No terceiro capítulo consta as análises dos resultados da proposta de intervenção desenvolvida em sala de aula, bem como as discussões acerca das reflexões considerando o tema em análise.

Por fim, apresentamos as considerações finais que se referem às observações em relação a execução da Sequência Didática, as referências utilizadas durante a elaboração da dissertação, bem como os apêndices e anexos produzidos.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, serão abordados alguns tópicos que serviram de princípio para a nossa pesquisa, haja vista a necessidade de tratarmos sobre a importância de explorarmos o texto em sala de aula inserido em um gênero textual. Para isso, analisaremos do ponto de vista teórico, algumas contribuições sobre o assunto, assim como a influência que a linguagem possui na produção desses textos.

Segundo Cavalcante (2012), não importa o tamanho de um texto, já que o que faz o tornar são os conjuntos de fatores, acionados a cada situação de interação, e assim determinam a coerência dos enunciados, de modo que o texto é considerado a unidade maior de funcionamento da língua.

Para Marcuschi (2008, p. 80) “[...] o texto não é uma simples sequência de palavras escritas ou faladas, mas um evento. Tal definição envolve uma enorme riqueza de aspectos, o que torna difícil sua explanação completa.”

Assim, compreendemos que o texto é um evento comunicativo em que são agregadas ações linguísticas, culturais, sociais e cognitivas. Logo, percebemos que o texto é um produto proveniente de ações da linguagem e que conseqüentemente irá pertencer a um gênero específico.

Convém ressaltar que o texto pode ser considerado um produto das atividades de linguagem, baseando-se em suas funções e objetivos. Desta forma, ao produzi-lo, deduzimos que o agente já possui um determinado conhecimento sobre gêneros, uma vez que são tidos como modelos para que possam ser adaptados e adequados às situações comunicativas.

Nesta perspectiva, é fundamental a escola desenvolver estratégias que possam tornar clara a pluralidade de gêneros textuais que dispomos, para isso é necessário que sejam proporcionadas aos alunos atividades em situações específicas de comunicação, para que dessa forma a prática de escrita possa ter um objetivo específico.

Ademais, um estudo de texto pautado em suas funções comunicativas facilita a produção e a compreensão textual, e assim possam compreender a função social de cada gênero, através dele também é possível o interlocutor criar alguma expectativa e conseqüentemente antecipar alguma reação sobre o seu propósito.

De acordo com Marcuschi (2010, p. 31), “Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar

linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.” Dessa forma, compreendemos que os gêneros textuais não são formas prontas e fixas, logo dominar um gênero não requer apenas conhecer a sua estrutura, mas também reconhecê-los sob todas as situações de atividades da nossa língua.

As manifestações verbais sempre serão expressas por meio de textos que são realizados em algum gênero textual, em vista disso, é possível afirmarmos que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual, assim esclarece Marcuschi (2008). Outrossim, é comum relacionarmos as nossas atividades humanas ao uso da língua, sejam através dos enunciados orais ou escritos.

Em função disso, os gêneros textuais podem ser considerados mais que entidades formais, e sim organizações responsáveis pela comunicação e interação social dos seres. Consequentemente, faz-se necessário atividades pedagógicas que contemplem uma prática de texto pertinente, que também contemple as diferentes funções da escrita e da leitura, uma vez que isso deve ser algo inerente das aulas de língua portuguesa.

Para ampliar a competência discursiva dos alunos, é essencial tomar a leitura e a escrita como uma prática social constante, para isto pressupõem-se um trabalho direcionado com diversidade de textos que possuam uma função definida para os alunos e dessa maneira possam ter acesso aos objetivos e funcionamentos de cada um, uma vez que compreender como e quando usá-lo é mais eficaz do que apenas conhecer a estrutura de um texto.

Por essa razão é que independente do objetivo de estudo focalizado no ensino-aprendizagem do aluno, o texto deverá sempre estar presente, de modo a utilizá-lo como meio para aprimorar e construir novos conceitos, seja qual for a situação comunicativa em que estejamos. Nessa perspectiva, Antunes (2010, p. 29) diz que

em qualquer língua, e em qualquer situação de interação verbal, o modo de *manifestação* da atividade comunicativa é a *textualidade* ou, concretamente, um gênero de texto qualquer. Daí que nenhuma ação da linguagem acontece fora da textualidade (grifos do autor).

Cabe ainda ressaltar que as ações responsáveis pela linguagem são concebidas através de textos, até mesmo as primeiras experiências de fala do ser humano são considerados partes que compõe nossas atividades de linguagens, já

que houve alguma pretensão comunicativa, ou seja, uma situação em que a necessidade de se expressar ocorreu.

Antunes (2010) ainda reconhece que além do texto possuir uma relevância sociocomunicativa, possui sentidos linguísticos, pois está inserido em outras atividades humanas, reiterando o fato que todo texto é considerado uma expressão de atuação da língua.

Em função disto, uma vez que os textos expressam atividades sociais, há neles toda uma relevância sociocomunicativa, que deverão ser analisados do ponto de vista sociolinguístico, em razão de que todos são dotados de uma intenção por partes dos interlocutores. Conseqüentemente, Marcuschi (2010, p. 30) assegura que

[...] os gêneros textuais não se caracterizam como formas estruturais estáticas e definidas de uma vez por todas. Bakhtin (1997) dizia que os gêneros eram tipos “relativamente estáveis” de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana. São muito mais famílias de textos com uma série de semelhanças. Eles são eventos linguísticos, mas não se definem por características linguísticas: caracterizam-se, como já dissemos, enquanto atividades sócio-discursivas.

Em relação a percepção do autor, é recorrente a flexibilidade que o gênero textual pode adquirir, de certo não podendo ser considerado uma forma estática e com estabilidade, pois à medida que os falantes mudam e o contexto em que estão inseridos também, podem contribuir para que os gêneros textuais estejam sujeitos às mudanças ou inovações. Entretanto, a outros são permitidas pouca ou nenhuma mudança, por exemplo: bula de remédio, cheques bancários, lista de compras.

Há outros gêneros são mais passíveis de uma estrutura mais aberta às mudanças como a aula expositiva, uma entrevista ou até mesmo uma conversa virtual, embora não percam suas principais características estruturais. Outrossim, é notório perceber que alguns deles caem em desuso, outros surgem de maneiras espontâneas a partir da necessidade que ora surgem em função das situações comunicativas.

Já Antunes (2009) também defende a ideia de que realmente as línguas também estão a serviço das pessoas, para o autor, através da interação é que a língua se concretiza, como uma prática social com um objetivo determinado, e sob a forma de texto, seja ele por meio da escrita ou da fala.

Dessa forma, é papel da escola criar condições pertinentes para que o aluno possa participar de diferentes usos da língua, sejam orais ou escritos, para que

tenham a oportunidade de aprender a lidar com a língua em seus mais diversos contextos.

É viável que a escola possa variar os gêneros explorados em sala de aula, pois muitos deles são expostos superficialmente, em outros momentos os textos considerados mais formais são explorados com mais frequência, ainda há àqueles que são utilizados apenas como distração aos alunos, como as tirinhas, por exemplo, não havendo assim um estudo mais profundo sobre os mesmos.

Logo, vale reconhecer que as práticas de leitura e escritas necessitam perpassar o ambiente escolar, para que os alunos se apropriem do uso da língua de modo que o ensino de texto através dos gêneros textuais possa assumir de fato uma função social.

1.1. O gênero como perspectiva de ensino

Como vimos, utilizamos o gênero como um meio de inter-relação entre as práticas sociais, ou seja, é o meio pelo qual nos comunicamos. Através dele adquirimos recursos capazes de facilitar a nossa comunicação, que podem ser habituais ou com algum elemento mais formal.

Na escola o ato e o processo de comunicar-se não é reconhecido apenas como uma atividade natural do ser humano, mas como um objeto de análise no processo de ensino-aprendizagem, pois a comunicação é uma ferramenta que possuímos para expressarmos nossas ideias e nos posicionarmos diante das proposições.

Os gêneros textuais vão se constituindo a partir do uso coletivo que se faz da linguagem, seja oral ou escrita, e ao decorrer da vida de uma sociedade, seus membros vão estabelecendo os modos de se dirigir a cada um com seus propósitos definidos a fim de alcançarem seus objetivos.

Posto isso, à medida que essas ações foram acontecendo, as práticas sociais foram sendo reconhecidas como modelos que podiam ser utilizadas em diferentes momentos da atividade humana.

Nessa perspectiva, Marcuschi (2010) defende que os gêneros textuais surgem e se integram funcionalmente na cultura os quais se situam, de forma que

são caracterizados mais pela sua funcionalidade do que mesmo pela sua estrutura e características linguísticas.

Decorrendo desse entendimento, Dolz e Schneuwly (2004) também ressaltam a importância desse processo de ensino valorizando os aspectos interacionistas, ainda fortalece a ideia de que o gênero deve ser utilizado para estabelecer uma articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, especificamente quando se trata de produção de textos orais ou escritos.

Ademais, atualmente é frequente nos depararmos com gêneros novos sendo inseridos em nosso dia a dia, acompanhados de novas maneiras de nos comunicarmos, tanto na escrita como na fala. Porém, muitas vezes com a mesma velocidade com as quais surgem, muitas vezes desaparecem. Desse modo, Marcuschi (2005, p. 19) expressa que

já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativas.

Em consonância com esses aspectos relativos aos gêneros, compreendemos que eles vão se constituindo também por meio dessa interação, através das linguagens, sejam elas verbais ou não-verbais, e a partir disso os falantes vão estabelecendo no decorrer de suas histórias alguns modos específicos a fim de se comunicarem e assim atingirem o seu propósito comunicativo.

Isso nos leva a admitir que as características dos gêneros textuais são distinguidas e aprendidas em sua maioria através dos seus usos nas atividades comunicativas, ou seja, através da convivência social e a partir disso assimilamos como eles atuam socialmente.

E assim, desenvolvemos a capacidade de reconhecermos as características desses textos através dos suportes textuais¹, bem como adquirimos a capacidade de não confundirmos determinados gêneros textuais a outros, como por exemplo: uma notícia de jornal com uma piada; uma bula de remédio com bilhete, e assim por diante.

¹ Entendemos aqui como suporte de um gênero um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Marcuschi (2008, p.174)

Em vista disso, as atividades voltadas para o uso do gênero textual e suas especificidades em sala de aula são consideradas essenciais para a aquisição de novas competências linguísticas, além de aprimorar àquelas que os alunos já possuem.

Por conseguinte, à proporção que o conhecimento e a prática de uso dos gêneros textuais em sala de aula forem inseridos e ampliados, é possível que os alunos compreendam e aprendam a como controlar a sua linguagem, o propósito de cada prática de escrita e principalmente assimilar conteúdo a contexto.

Isso contribuirá para que haja uma melhor compreensão dos usos da linguagem inserida em seu cotidiano, do mesmo modo que poderão perceber que o gênero é concebido a partir das condições específicas de cada campo da comunicação.

Com base nessa percepção, notamos que, o que construímos ou materializamos em situações comunicativas é texto que se adapta à uma combinação de gênero que seja concernente àquele momento. Sobre os gêneros textuais, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) esclarecem que “os gêneros são determinados historicamente. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos” (BRASIL, 1997, p. 23).

Dolz e Schneuwly (2004) ainda reforçam que o gênero traz oportunidades extensas ao professor para que ele o utilize como um suporte para as suas atividades, mas que isso seja feito de maneira que o texto não seja apenas um objeto de ensino, mas um instrumento de comunicação que perpassa o ambiente escolar, pois sabemos que não há muito significado para o aluno formas verbais que não façam parte do seu cotidiano.

Koch (2011) reitera a significativa contribuição que o estudos dos gêneros constitui nas práticas de escrita e leitura, pois segundo o autor, somente quando esses alunos dominarem os gêneros mais recorrentes do dia a dia deles é que serão capazes de perceber as grandes possibilidades que poderão possuir para adaptar e dominar o seu texto diante das situações discursivas.

Destarte, somente através de práticas bem elaboradas e designadas com um propósito real comunicativo, é que farão diferença ao ensino de texto, uma vez que a forma como o texto é produzido pode exigir mais ou menos competência linguística

e conhecimento prévio do aluno. Dessa forma dispor de um ensino pautado em uma pluralidade de gêneros textuais favorece ao aluno uma intimidade maior com eles e posteriormente uma interação melhor entre autor-texto-leitor.

Através de um planejamento que priorize uma prática de leitura e texto obedecendo às orientações pedagógicas vigentes e principalmente respeitando as características linguísticas dos seus alunos, é possível proporcionar uma aprendizagem que vise aprimorar o conhecimento deles e promover a aquisição de novos repertórios sociolinguísticos, considerando a necessidade de cada um, ou seja, o contexto em que estejam inseridos.

Assim sendo, em razão das mudanças causadas pelo avanço e modernização cada vez mais rápida da tecnologia, principalmente dos meios de comunicação, é preciso buscar meios para ampliar o contato que eles têm com os gêneros, inclusive os midiáticos.

Sobre isso, há uma grande influência deles no cotidiano dos alunos, por essa razão é pertinente que a sua estrutura e o uso deles sejam explorados em sala de aula, pois alguns gêneros consagrados fizeram imergir outros gêneros a partir da necessidade da sociedade, como o e-mail, por exemplo.

Logo, esperamos que os alunos percebam que há uma visível instabilidade na nossa língua, de maneira que os gêneros também perpassam por isso, ocupando uma grande importância em nosso dia a dia.

Sobre os gêneros midiáticos, também se faz necessário que sejam abordados dentro do contexto escolar, visto que a sua inserção em meio a sociedade é intensa e expansiva. Além disso, vivemos em uma sociedade em que os meios de comunicação exercem grande influência na sociedade, principalmente nos jovens e adolescentes, por isso é viável que discussões sejam provocadas acerca de assuntos polêmicos relativos à atualidade, e assim as diferentes opiniões possam ser debatidas, colocando em prática os gêneros discursivos.

Logo, é fundamental provocar reflexões sobre esses gêneros textuais provenientes do suporte da Internet nas aulas de língua portuguesa no que concerne ao seu papel na construção da cidadania dos alunos, além disso examinar o que esses gêneros trouxeram como inovações e não somente analisar a estrutura composicional deles nem tampouco a linguagem.

Somado a isso, são gêneros relativamente instáveis, já que são provenientes dessa era cibernética e que se relacionam diretamente ao cotidiano desses alunos. De modo que as situações interacionais propostas por esses gêneros geram outros com características estilísticas, temáticas e composicionais bem singulares, desencadeando assim repertórios de gêneros com adaptações que podem sofrer alterações a cada situação comunicativa.

Diante das práticas de linguagens se modificarem, do mesmo modo a vida social das pessoas, somam-se a isso novas possibilidades de comunicar-se. Por isso, alguns gêneros caem em desuso, como o telegrama, o fax; entretanto, outros surgem a fim de facilitar a interação entre as pessoas, como os aplicativos de redes sociais, evidenciando ainda mais a grande necessidade que o ser humano possui em interagir e criar novos métodos para isso.

Entretanto, alguns gêneros textuais são considerados cristalizados devido a sua função comunicativa, como o ofício, petições, entre outros. Logo, àqueles que apresentam uma estrutura menos flexível são resultantes em sua maioria devido às atividades sociais que são constantes ao longo do tempo.

Quanto a estrutura de textos, em alguns casos a estrutura fixa é preservada, embora o conteúdo seja passível de mudanças, como a carta pessoal e o *e-mail*.

Porém, os discursos inseridos em determinados gêneros também são instáveis porque podem sofrer modificações ao longo do tempo, em virtude de mudanças em seus propósitos comunicativos ou até mesmo resultante do seu contexto sociocultural.

Segundo Marcuschi (2010) é notável que em algumas circunstâncias as formas determinam os gêneros, já noutras as funções são responsáveis por essas determinações. Outrossim, o próprio suporte ou o contexto em que o texto esteja inserido influi na designação do gênero ao qual pertencerá.

É importante apontar que ao dominarmos determinado gênero textual, não dominamos uma forma linguística, mas a forma com a qual iremos propor linguisticamente atingir nossa intenção comunicativa.

Então, não é a forma que predomina, mas o propósito comunicativo ao qual é designado, por exemplo, uma receita culinária não necessitaria de ser organizada tradicionalmente como sempre encontramos, mas ao percebemos que temos uma

lista de ingredientes e algumas instruções, logo entenderíamos que se tratava de uma receita.

Além disso, o suporte textual também poderá mudar o estilo do gênero e conseqüentemente o propósito comunicativo dele. Por exemplo, neste enunciado: “Mãe, preciso falar contigo.” Ao ser escrito em um papel e posto em algum local estratégico da casa, poderá ser um bilhete; se for enviado por SMS ou alguma rede social, uma mensagem eletrônica; ao ser veiculado em uma rádio, um aviso.

E partir desse exposto, percebemos que o conteúdo pode permanecer o mesmo, embora o gênero seja identificado através do suporte e conseqüentemente do propósito comunicativo. Ainda sobre gênero, Marcuschi (2010, p. 22) destaca que

Partimos do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*. Em outros termos, partimos da ideia de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual (grifos do autor).

Desta maneira, compreendemos que nem toda língua em uso e nem toda interação possuem as mesmas intenções comunicativas na construção textual, logo também não admitirão um mesmo formato de texto, já que se organizarão de formas distintas. E assim seu texto será encaixado em um gênero textual de acordo com o seu propósito, considerando a modalidade e a finalidade pelo qual é realizado.

Então, mediante práticas que visem a escrita e a partir do entendimento de que tudo que produzimos na escrita ou na oralidade é texto e que isso ocasiona gêneros, os quais faz com que o texto se organize de acordo com o contexto em que ele é produzido, e que conseqüentemente isso estabelece uma interação.

Assim, isso nos assegura que o trabalho com os gêneros textuais proporciona novas perspectivas para o ensino de língua portuguesa, visto que os alunos serão capazes de construir conhecimentos a partir de novas concepções provenientes da prática de leitura e escrita que sejam próximas do contexto em que se inserem.

Não obstante, é comum em algumas escolas desenvolverem produções de textos, as “engessadas” redações escolares, as quais em sua grande maioria não possui uma devida função para o aluno, visto que ele tem em mente que está escrevendo apenas para cumprir um requisito exigido pelo professor.

Consequentemente, poderá resultar em práticas de leitura e escrita descontextualizadas ou até mesmo distantes da realidade dos discentes, gerando um desinteresse contínuo.

Por conseguinte, essas atividades tornam-se maçantes para esses alunos e assim constrói nele uma concepção de que texto é algo exclusivamente pertencente ao ambiente escolar e sem nenhuma relação com a realidade em que vive.

Então, há necessidade de um estudo mais perscrutado a fim de compreendermos os motivos que distanciam o texto como uma atividade de interação em sala de aula.

Todavia, algumas eventualidades nas aulas de produções textuais podem contribuir para tal situação, como: atribuir excessiva atenção apenas aos questionamentos gramaticais, avaliar a escrita do aluno apenas para detectar algum desvio gramatical, desfazendo qualquer outro aspecto relevante da linguagem e organização estrutural do texto e gênero.

Isto posto, contribui para que o processo de ensino se desvincule do processo de interação e de textualização, conforme já fora mencionado neste trabalho.

Logo, é através da escola – um ambiente bastante conveniente para se proporcionar o trabalho com textos – originando a partir disso intenções comunicativas distintas, e consequentemente gerando a prática de leitura e escrita a partir de gêneros textuais diversos.

Assim, é necessário colocar o aluno diante dessa diversidade de textos, para que compreendam a sua funcionalidade e posteriormente façam uso de forma consciente do seu papel enquanto atribuição social, sejam eles da modalidade oral ou escrita. Sobre gêneros, Antunes (2009, p. 57) respalda que

Em síntese, mesmo conhecendo as dificuldades de chegar a classificações mais precisas e consistentes, vale tomar os gêneros como referência para o estudo da língua, e, consequentemente, para o desenvolvimento de competências em fala, em escuta, em leitura e em escrita dos fatos verbais com que interagimos socialmente.

Diante dessa realidade, percebemos que os alunos têm contato diariamente com uma série de textos, que muitas vezes não compreendem a sua função social ou comunicativa, ou não assimilam as funções que a linguagem daquele texto expressa, então, de modo frequente o exercício dessas práticas torna-se desestimulante.

É comum nos depararmos com atividades escolares sem nenhum objetivo definido para o aluno, conseqüentemente isso não atrairá a devida atenção que muitas vezes o professor almeja. Deste modo, ambos não atingirão seus objetivos enquanto processo de ensino-aprendizagem, pois se algo não faz sentido ao aluno dificilmente ele se envolverá na proposta apresentada em sala de aula.

Para favorecer ao aluno situações mais prazerosas, é conveniente colocá-lo diante de leituras e escritas que sejam do seu contexto, e que fique claro para ele que todo texto possui uma função social, independente do que o professor propuser em suas aulas.

Por conseguinte, é preciso que o trabalho com os gêneros textuais seja feito a partir de situações concretas do uso da língua para o aluno, pois relacionar o objeto de estudo à realidade vivida por ele facilita a compreensão de toda a estrutura da nossa língua, e principalmente o aproxima da diversidade linguística que possuímos. Pensando nessa concepção, os PCN dizem que

A leitura na escola tem sido, fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir também um objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder, do seu ponto de vista, a objetivos de realização imediata. Como se trata de uma prática social complexa, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e a sua complexidade, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com a diversidade de textos e de combinação entre eles (BRASIL, 1997, p. 41).

Entre outros aspectos, podemos ressaltar que a prática de leitura possui uma grande importância para a formação de cidadãos para desenvolver a criticidade e ampliar a capacidade de pensar e compreender os diferentes textos com os quais nos deparamos em nosso dia a dia.

Além disso, formar leitores competentes, que sejam capazes de compreender o que leem, relacionar fatos com os quais já possuem conhecimento e que possam compreender os variados sentidos que o texto possa adquirir, são práticas que condizem com os principais objetivos em ensinar por meio do texto. Assim, o leitor deve ser capaz de considerar a leitura como uma prática social, quer seja no âmbito escolar ou não.

É essencial práticas educativas que estejam direcionadas para a formação do aluno como cidadão, e que acima de tudo esteja relacionada ao meio em que ele

convive, respeitando a sua origem e principalmente as particularidades em relação a sua linguagem, é de grande relevância.

À vista disso, cabe a escola e professores planejarem atividades que tenham como objetivos a orientação para que os alunos sejam capazes de interagir em diversas situações sociais, e que possam dominar as linguagens com as quais convivem, ou seja, que façam parte da realidade social de cada um.

1.2. O texto e a importância da análise linguística

Considerados alguns fatos sobre o ensino de texto na escola, e que toda manifestação da língua com algum propósito linguístico pode ser considerada texto, logo podemos conceber que todo texto também é uma prática social, de modo que os aspectos sociolinguísticos não devem ser desconsiderados, já que faz parte desse processo de interação.

Antunes (2010, p.31) ressalta que “compreender um texto é uma operação que vai além do seu aparato linguístico, pois se trata de um evento comunicativo em que operam, simultaneamente, ações linguísticas, sociais e cognitivas.”

Decerto, considerando o texto uma expressão verbal resultante de uma atividade desenvolvida socialmente com o intuito de promover uma comunicação, envolvendo interlocutores, a compreensão de um texto não se reporta a uma tarefa tão simplificada, já que à medida que a interação flui, o texto também adquire outros fluxos. Ademais, todo texto se desenvolve a partir de um tema central, um tópico discursivo

De fato, a partir dessas ideias percebemos que a linguagem e a estrutura presentes nos textos não podem ser desvalorizadas, já que elas são em grande maioria o ponto de partida para a compreensão integral do enunciado.

Além disso, é preciso proporcionar ainda discussões sobre os diferentes sentidos que os textos podem atribuir, através dos seus recursos expressivos e linguísticos e principalmente diante dos seus propósitos comunicativos.

Isso é necessário, já que a nossa língua portuguesa possui diferentes estratégias de convencimentos, informações com propósitos distintos e uma série de habilidades linguísticas que contribuem para a nossa riqueza vocabular.

Assim, esperamos que a competência comunicativa que almejamos encontrar aos analisarmos textos, recaia sobre o conhecimento que possam adquirir sobre as particularidades dos gêneros e tipos textuais, embora os conhecimentos gramaticais sejam necessários, no entanto não são suficientes.

Para Antunes (2010), é preciso que algumas ideias arraigadas acerca de que textos para serem bons, só necessitam estarem gramaticalmente corretos. Em vista disso, ao analisarmos algum texto que esteja socialmente e discursivamente adequado ao seu contexto, embora apresente alguns desvios ortográficos, por exemplo, não poderia ser considerado um bom texto por este motivo?

Acreditamos que escrever bem ultrapassa o mérito de possuir a gramática na ponta da língua. Pois, para a construção de texto, necessariamente precisamos que este enunciado seja dotado de sentido à situação proposta.

Muitas são as polêmicas acerca de produções de textos com frases soltas sem nenhum propósito e nem tampouco qualquer coesão entre os termos. Como analisar uma escrita que não possui ao menos um objetivo? Visto que um texto se apoia em torno de um tema que posteriormente transforma-se em uma unidade.

Dessa maneira, atividades planejadas com intuito de analisar a pertinência da linguagem e suas intenções é o ponto de partida para que os alunos compreendam melhor a sua própria linguagem. Conseqüentemente, as adequações que ela possa possuir e, a partir disso comprovar a eficácia da língua no processo de interação. Nessa concepção, Antunes (2010, p. 51) esclarece que

Em termos bem gerais, objetivamos promover o desenvolvimento de diferentes competências comunicativas. Em termos mais específicos, objetivamos ampliar nossas capacidades de compreensão, nosso entendimento do que fazemos quando nos dispomos a processar as informações que ouvimos ou lemos.

Destarte, atividades de análises são de fato fundamentais para desenvolver nossa capacidade de discernimento e percepções nos textos, além disso práticas envolvendo oralidade e escrita também são influenciadas de modo positivo, contribuindo diretamente para o desenvolvimento de novas competências.

Segundo Antunes (2010, p. 51), são finalidades das análises, o desenvolvimento de “competências para a compreensão; competências para a análise e, meio indiretamente e competência para os usos da fala e da escrita.”

À vista disso, uma análise textual não se concentra tão somente em aspectos gramaticais ou sintáticos, já que a língua é bem mais que um conjunto de normas e aparatos, por isso o aluno necessita estabilizar esse conhecimento, e assim desenvolver as diferentes competências linguísticas.

Nessa concepção, os PCN ainda salientam o quão importante é o trabalho didático pautado na análise linguística, visando a observação de regularidades e funcionamentos da nossa linguagem (BRASIL, 1997). Então, é sugerido que ao contrário do que geralmente é feito, sejam realizadas análises primordialmente para que a funcionalidade do texto seja posta em estudo.

Antunes (2010, p.70) afirma que “de qualquer forma, entender um texto supõe a habilidade de identificar esse propósito e o que são as estratégias para se conseguir esse propósito.”

Sobre isso, alguns estudiosos que acreditam que as ações da linguagem são sobretudo do tipo argumentativo, visto que há sempre uma tentativa de adesão em relação ao interlocutor. Sendo assim, toda forma de linguagem existe um pretexto ou uma intenção, mesmo que a princípio não seja revelada. Em consonância a essa ideia explica-se o fato quando identificamos alguém ao agir de forma irônica ou com intenções diferentes das que são apresentadas.

Também, entendemos que na linguagem não existe imprecisão, seja ela falada ou escrita, pois não poderá haver interação se a sua intenção não for clara e objetiva diante do ato da comunicação.

Portanto, é significativo ressaltar que um texto analisado linguisticamente, põe o aluno frente a situações que podem ter sido irrelevantes para ele, já que em outros momentos isso talvez não tenha sido tratado. Nesse sentido, Antunes (2009, p. 30) diz que

Seria extremamente importante que a escola concedesse mais espaço a *um trabalho de análise sobre os fatos da língua*. Uma análise que tivesse base científica e, assim, se soltasse das impressões pessoais e concepções ingênuas do senso comum. Uma análise que detivesse nos aspectos mais relevantes de sua constituição; ou seja, na língua enquanto fato social, vinculado à realidade cultural em que está inserido e, assim, sistema em constante mutação e a serviço das muitas necessidades comunicativas de seus falantes (grifos do autor).

Como já exposto, análises textuais necessitam serem realizadas, mas que não sejam exclusivamente por questões gramaticais ou apenas para apontar linguagens inaceitáveis pela norma-padrão da língua portuguesa.

Mas, no intuito de verificar e explorar os usos reais da língua que aparecessem no texto, suas intenções, o que estaria sob aquelas linhas ocultas da escrita ou para conhecer o propósito comunicativo daquele texto.

Para o aluno, o texto é adequado quando a linguagem é de seu conhecimento e o gênero é algo que ele possa se deparar em seu dia a dia, que possa usá-lo com consciência da sua utilidade enquanto meio de comunicação.

Logo, a escrita e a leitura estão para servir às pessoas, e não para ser um objeto de estudo. Embora muitos deles sem nenhum objetivo é imposto como ensino.

De acordo com Moita Lopes (2001), a partir da compreensão do uso da linguagem é possível aprender a participar dos papéis sociais que existem ao redor, contribuindo diretamente para aprimorar o convívio do aluno em seu contexto e conseqüentemente facilitar uma leitura de mundo, possibilitando dessa maneira o desenvolvimento crítico desse ser.

Então, ressaltar a importância do texto e principalmente das linguagens e intenções comunicativas no processo de ensino-aprendizagem a partir dos gêneros textuais, tem uma finalidade fundamental na prática educativa voltada para o desenvolvimento das competências linguísticas do aluno.

1.3. Considerações sobre o gênero história em quadrinhos

O gênero história em quadrinhos (HQs) está presente no cotidiano da maioria dos jovens, especificamente daqueles que buscam uma leitura deleite, isto é, que possa proporcionar uma grande satisfação, pois trata-se de um texto com pequenas dimensões. E devido à presença de imagens de personagens, que em sua maioria possuem características bem singulares, faz com que esses jovens possam até mesmo se identificarem com muitos deles.

Apesar de possuir uma linguagem mais curta e relativamente mais simples, atua de forma satisfatória no que se refere ao cognitivo de quem ler.

Além disto, alguns autores como Ramos (2006) reforçam que o gênero tirinha é um texto pertinente para o desenvolvimento da leitura e escrita, uma vez que

proporciona ao leitor o exercício de interpretação, pois a sua composição é bastante próxima da oralidade.

Podemos considerar que as HQs através de suas diversas temáticas se tornam como uma das mais formas mais ricas de expressão, pois associa uma variedade de linguagens, junto a diversidade semiótica, que em consequência disso conduz o leitor a se concentrar diante do que lê, porque todos os elementos são importantes para o entendimento global do texto.

A partir disso, compreendemos que esse gênero possui uma grande eficiência para o desenvolvimento de muitos saberes em sala de aula. Além de ser capaz de instigar o senso crítico dos leitores, contribui para que hábitos de leituras sejam criados e posteriormente haja um desenvolvimento e ampliação do vocabulário deles.

Em relação ao tipo textual, são consideradas do tipo narrativo, apresentando em sua maioria esse tipo de sequência, ainda que possa apresentar outros, como a argumentativa e a injuntiva.

Podemos considerar uma forma de expressão bastante rica, abrangendo diferentes temáticas, faz uso da linguagem verbal e não-verbal, além disso associam linguagem explícitas e implícitas, uma série de variedades semióticas, resultando numa variedade semântica.

À vista disso, impõe ao leitor uma atenção ao que lê, já que o contexto é essencial nesse caso, assim como a progressão textual, ou seja, as palavras que antecedem e sucedem são determinantes para produzir uma atribuição de sentidos.

Embora seja considerada como uma leitura prazerosa por muitos, ainda há um pouco de resistência por parte do ensino em utilizá-la em sala de aula, entre vários motivos, percebemos que o fato de serem textos curtos e com uma linguagem geralmente mais informal, por vezes distancia a sua abordagem nas aulas de língua portuguesa.

Entretanto, o que deveria ser primordial nas aulas envolvendo leitura, seria uma prática que envolvesse os alunos e que somado a isso, eles pudessem compreender a relação que esse gênero possui com o seu cotidiano, pois é comumente encontrado no próprio livro didático dele.

Além do mais, o fato de ser facilmente visto nos gêneros midiáticos, faz com que esse contato seja cada vez maior, considerado cada vez mais como um estilo

mais popular, apesar de que a sua estrutura seja tão complexa quanto outros gêneros, pois há nela muitas peculiaridades.

Sobre isso, Mendonça (2010, p. 210) afirma que

[...] as histórias em quadrinhos são facilmente identificáveis, dada a peculiaridade dos quadros, dos desenhos e dos balões. Entretanto, as HQs revelam-se um gênero tão complexo quanto os outros no que tange ao seu funcionamento discursivo. Por isso, categorizá-las exige um grande esforço de sistematização, tendo em vista a multiplicidade de enfoques possíveis.

Essa caracterização é de fácil reconhecimento, pois a progressão temporal é facilmente identificada que por sua vez se organiza em quadros, como também elementos como desenhos, balões, além do texto verbal quando inserido.

Logo, as HQs devem ser utilizadas como um recurso no processo de ensino-aprendizagem, visto que atualmente possuem um grande alcance no que se refere à circulação através da mídia, dos livros didáticos, entre outros. Atualmente é um gênero textual de grande circulação e que possui uma série de possibilidades de inseri-las nas atividades em sala de aula.

Um fator importante quanto a utilização dos quadrinhos atualmente é a dinamicidade que eles propõem, de tal maneira que comumente os encontramos de modo intertextual, por exemplo em campanhas publicitárias.

A partir disso, nos mostra a influência e a popularidade que o gênero vem adquirindo ao longo dos tempos. Ademais, a flexibilidade e a dinamicidade são visíveis quanto ao seu uso, pois possuem várias possibilidades de inserção no processo de ensino e contribuirá para uma formação mais abrangente do leitor, conseqüentemente ampliará a fluência da leitura dele.

1.3.1. A tirinha: origem e características

A origem das HQs, segundo Mendonça (2010), pode estar ligada a tempos muito remotos, procedente do período das pinturas rupestres, assim como os hieróglifos produzidos pelos egípcios que também expressavam formas de comunicação constituída por uma mistura de letras e figuras. A partir disso, também se torna evidente que as imagens e símbolos estão presentes na comunicação desde o princípio.

Conforme Mendonça (2017), ainda que haja essas referências, destaca que o pioneirismo desse gênero, com características como conhecemos hoje, tenha surgido de fato na Europa, por volta do século XIX.

A partir desses indícios considerados por alguns estudiosos, foi somente nesse século que surgiram os precursores desse gênero, a princípio nos Estados Unidos. Mais tarde, no século XX, as HQs ganharam espaço nos jornais, uma vez que começaram a se popularizar na época, e assim elas conseguiram atingir um alcance maior e posteriormente uma diversidade mais ampla, até chegar aos dias atuais, onde é possível encontrá-las em diversos suportes textuais, como livros, jornais, revistas e principalmente no meio virtual, consolidando assim a sua popularidade entre os leitores.

Já no Brasil, foi na década de 1940 que ocorreram as primeiras aparições de quadrinhos com textos e desenhos brasileiros, embora ainda existissem influências estrangeiras sob diferentes formas. Somente por volta dos anos 1960, surge um personagem em quadrinhos, originalmente brasileiro, chamado “O Pererê”, criado pelo cartunista Ziraldo, marcando de fato início das HQs em nosso país. Surgiram outros nomes nesse meio, como Maurício de Sousa, que também foi um dos pioneiros na criação de tirinha, onde deu vida a diversos personagens, entre eles a Mônica, Cebolinha, Cascão, Chico Bento etc.

A partir de então, as HQs foram adquirindo espaço e com isso foram se desenvolvendo e circulando por diversos suportes, com diferentes temáticas e estilos, até chegar aos dias de hoje.

Com sua veiculação nos meios digitais, são oferecidas a esse gênero novas possibilidades de inovação e formatos, segundo Ramos (2017) podem ser agrupados com as seguintes formas: tiras tradicionais ou simplesmente tiras; tiras duplas ou de dois andares; tiras triplas ou de três andares; tiras longas; tiras adaptadas e tiras experimentais. Além disso, suas finalidades e temáticas também puderam ser expandidas, ocasionando assim uma popularidade, uma vez que, a princípio, esse gênero era encontrado apenas em jornais e revistas.

Já a tirinha ou tira de jornal, como também é conhecida, é considerada como um subtipo da história em quadrinho. Possui uma extensão pequena e de natureza bem sintética, com características bem peculiares.

Quanto às suas temáticas, identificamos vários tipos, pois encontramos desde traços humorísticos à aspectos mais importantes e/ou polêmicos, por exemplo enredos que retratem situações habituais do cotidiano das pessoas, ironizar acontecimentos políticos ou da sociedade, fazer críticas sobre a situação socioeconômica de algum grupo de pessoas, refletir a respeito de algum assunto que seja do interesse de grande parte da sociedade, entre outros.

Antes de se tornar mais popular entre os leitores, o termo “tirinha” era utilizado geralmente para se referir às produções mais voltadas para o público infantil, já que termos usados no diminutivo são bem empregados nesses propósitos. Todavia, o termo “tira” também é bastante utilizado para referir-se a esse gênero, uma espécie de expressão de sentido semelhante.

Mesmo assim, Ramos (2017, p. 41) explica que “demorou para a palavra ‘tira’ constar no vocabulário oficial brasileiro com o sentido relacionado a história em quadrinhos. Isso parece ter ocorrido somente em meados da década de 1980.” Já o termo “tirinha” não foi registrado no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, da Academia Brasileira de Letras até 2019.

À vista disso, pode haver uma maior dificuldade em compreender realmente qual o termo mais adequado para referir-se ao gênero. Considerando sua popularidade e informalidade, acreditamos que o termo “tirinha” seja mais conveniente, razão pela qual adotamos neste trabalho.

1.3.2. A tirinha na sala de aula de língua portuguesa

Em conformidade com os aspectos relacionados à ascensão da tirinha no Brasil, o trabalho em sala de aula com esse gênero é considerado recente, já que foi inserido junto às práticas de ensino de modo gradativo, pois à princípio as tirinhas eram mais utilizadas como suporte para leitura ou simples ilustrações para compor alguns conteúdos nas aulas. Isso se deu principalmente através do livro didático nas escolas, a fim de auxiliar o professor e os alunos nas atividades de leitura e escrita.

Atualmente, um dos fatores que justifica a inserção das HQs nas propostas didáticas é a vinculação que os alunos geralmente possuem com o gênero, em razão disso há uma aceitação maior com as atividades propostas tomando como base este gênero, que está tão presente em nosso cotidiano.

Também é possível explorar vários questionamentos contemporâneos, como assuntos que abrangem questões sobre comportamento da sociedade, aspectos relacionados ao meio ambiente, políticos, entre outros.

Apesar das possibilidades em trabalhar com este gênero sejam eficazes, apenas mais tarde isso pôde ser reconhecido e valorizado através dos aspectos que o constituía, bem como a sua potencialidade como texto a ser explorado na sala de aula. Somado a isso, a sua riqueza em termos de linguagens, sejam elas verbais ou não-verbais promove uma leitura por meio de um texto multisemiótico, uma vez que é rico em muitos elementos, como desenhos, ícones e desenhos.

Sobre a inserção das HQs no ensino, Ramos (2017, p. 180) defende que

[...] Se há a necessidade de o ensino trabalhar com textos multimodais, as histórias em quadrinhos são um prato cheio. Elas têm em seu DNA a articulação entre os elementos verbais e visuais. Não por acaso proliferaram nos livros didáticos. Principalmente as tiras, por terem a grande vantagem de serem tendencialmente curtas, o que facilita muito a abordagem educacional delas quanto a edição do livro didático.

De fato, a sua estrutura mais simplificada aliada às recomendações de alguns editais do Programa Nacional do Livro Didático contribuiu para que textos com produções multimodais e de hipertextos ganhassem mais espaço no ambiente escolar. Embora essa inclusão pode ser considerada tardia, pois os quadrinhos sempre foram bastante lidos em nosso país, como mostram algumas pesquisas.

Porém, contribuiu para que outros aspectos estruturais e linguísticos fossem considerados, uma vez que ainda há necessidade de haver um tratamento melhor quanto a sua exploração no livro didático, pois é comum as tirinhas aparecerem apenas como distração ou em seções conhecidas como “Divirta-se”, “Passatempos”, entre outras.

O estudo sistemático com as tirinhas é bastante eficaz no processo de ensino-aprendizagem, independentemente de serem textos considerados curtos, trazem muitas informações e características a serem analisadas, entretanto esse trabalho requer cautela, pois trata-se de um gênero que pode apresentar uma quantidade significativa de informações.

Nessa perspectiva, exige do aluno um grau elevado de conhecimentos prévios que deverão ser acionados no ato da leitura, por isso não deve ser considerado

escasso de elementos a serem explorados, logo a tirinha não deve ser vista como um texto pobre de elementos, mas com grande valor linguístico.

Por vezes, a ludicidade que ora os quadrinhos apresentam e por ser um gênero textual bastante lido por crianças ou por pessoas que estão sendo alfabetizadas, simula que é um texto de baixa qualidade no que concerne em recursos da língua.

Nesse caso, é possível que o volume de informações presentes em algumas tiras muitas vezes exija do aluno que sejam ativado um grau de conhecimento de mundo mais elevado, então não podemos considerá-lo um gênero que dispensa uma competência linguística maior para compreendê-lo.

Atualmente, tornou-se habitual a presença da tirinha nos livros didáticos. Este fato deve-se às exigências criteriosas feitas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), a partir disso os autores procuraram adequar os seus conteúdos às sugestões do programa.

Assim, é possível constatar que há benefício ao ensino, pois a partir do contato com uma maior diversidade de gêneros é possível haver um aprendizado mais consistente da língua.

Contudo, para que isso ocorra, é necessário que haja uma proposta didática bem articulada, a fim de que o enredo da história em conjunto com os recursos textuais bem planejados possam ser todos explorados, pois o texto como um todo faz parte da construção de sentidos.

Ademais, é importante salientar que o trabalho com as HQs não é uma ação específica em aulas de língua portuguesa, qualquer outra área poderá analisá-las conforme os objetivos que queira atingir dentro da sua disciplina, também é possível que atividades interdisciplinares sejam realizadas, comprovando assim como um recurso com múltiplas formas de serem abordadas na escola.

Segundo Mendonça (2010), as HQs podem ser exploradas assim como outros textos de quaisquer gêneros textuais, contanto que seus recursos possam ser preservados e considerados. De fato, em uma prática de leitura com uma tirinha todos os aspectos têm de ser observados, principalmente em se tratando de conhecimentos implícitos.

Assim sendo, é viável a utilização das tiras e HQs no ensino, desde que seja com objetivos bem definidos para que não seja apenas um pretexto para inseri-lo

nas atividades, de modo articulados em uma proposta didática que vise uma exploração linguística considerando todos os seus elementos verbais e não-verbais relevantes.

Diante do exposto, é essencial utilizar os recursos provenientes das tirinhas como um recurso pedagógico, visto que vivemos em uma época em que diariamente temos a necessidade de associarmos imagens, palavras, cores e gestos para produzirmos sentido diante de qualquer evento comunicativo em que estejamos.

1.4. O texto e a variação linguística

Partindo do princípio de que o texto é uma expressão que possui em si sempre algum propósito comunicativo com alguma finalidade estabelecida e que por sua vez estabelece uma atividade social, dessa forma é notório que para uma compreensão eficaz de um texto é preciso transcender seus mecanismos linguísticos, visto que um evento comunicativo envolve além disso aspectos sociais e cognitivos.

Nessa perspectiva, a prática de linguagem seja através da escrita ou da oralidade é antes de tudo um ato social praticado pelos sujeitos falantes de uma língua, intimamente relacionada ao meio em que vivem, pois existem elos que unem a cultura, a identidade e a própria língua de um povo.

Além disso, a forma como essas práticas são exercidas são múltiplas e com muitas distinções no tempo e espaço aos quais os falantes são inseridos. Por essa razão, Antunes (2009) discute que a própria natureza humana já conduz a uma variação previsível, a partir da instabilidade e heterogeneidade que possuímos.

A partir desse enunciado compreendemos que a sociedade e a linguagem são aspectos inerentes, de modo que a tentativa em separá-las ou dispensá-las não corresponde com a realidade de seus falantes, pois a língua está relacionada diretamente ao contexto em que se vive.

Sobre esse aspecto, Bagno (2014, p. 16) afirma que “se a língua está dentro de nós e se a língua é o ambiente social em que circulamos, não pode haver separação entre a linguagem e seu uso, entre quem fala e onde fala.”

Assim, é possível inferir que todos os falantes convivem em um ambiente heterogêneo, pois o tempo todo estamos interagindo em diversos lugares, com pessoas de diferentes faixas etárias. Também estamos diariamente em contato com

meios de comunicação que nos trazem informações sobre as mais variadas culturas, enfim, em cada um dos contextos com os quais convivemos temos a oportunidade de nos familiarizarmos com as variações da língua.

Isso demonstra que o ambiente pelo qual estamos inseridos não pode ser analisado individualmente, já que influenciemos e somos influenciados pela língua todos os dias.

Por conseguinte, não poderíamos considerar a língua homogênea diante da diversidade de falantes e seus respectivos costumes que a influencia diretamente. Além disso, ela é considerada instável e sempre em estado permanente de construção e reconstrução, já que acompanha os fatores que transformam a sociedade em que é falada.

A partir da concepção que os falantes são responsáveis pela língua, o autor Bagno (2009, p. 42) argumenta

A língua é uma instituição social, ela é parte integrante da vida em sociedade, por isso as mudanças que ocorrem na língua resultam da ação coletiva de seus falantes uma ação impulsionada pelas necessidades que esses falantes sentem de se comunicar melhor, de dar mais precisão ao que querem dizer, de enriquecer as palavras já existentes com novos sentidos (principalmente os sentidos figurados, metafóricos), de criar novas palavras para dar uma ideia mais precisa de seus desejos de interação, de modificar as regras gramaticais da língua para que novos modos de pensar e de sentir, novos modos de interpretar a realidade sejam expressos por novos modos de dizer (grifos do autor).

Pressupomos através dessa ideia que também não há possibilidades de analisar fatores relacionados a sociedade sem considerar a linguagem utilizadas pelas pessoas para se comunicarem e se relacionarem. Ademais, é suntuoso observar as transformações que a nossa língua vem sofrendo ao longo das gerações à medida em que a sociedade e seus costumes evoluem.

Isso também nos mostra que nenhuma mudança linguística ocorre de modo aleatório, assim como convém lembrar que essas transformações não ocorrem em todas as comunidades de falantes de maneira uniforme, isto é, alguns deles incorporam essas renovações mais rápidas, enquanto outros conservam por mais tempos formas mais antigas de falares.

Em função disso, encontramos em algumas regiões do nosso país pessoas falando “vassoura” e em outros lugares “bassoura”, que é considerada uma oscilação

bastante conhecida entre as pronúncias das consoantes *v* e *b* em algumas palavras da nossa língua, estabelecida em sua formação e que tem uma relação com o latim.

Outrossim, é perceptível que as línguas sofrem mudanças continuamente por meio de diversos fatores, de forma gradual em diferentes proporções, assim compreendemos que a língua não se trata de um sistema homogêneo, logo não é o erro ou o acerto que queremos focalizar, mas a forma como as palavras surgem e aos poucos vão dando margem para outras que possuam o mesmo significado serem inseridas em nossa língua.

Sobre essa perspectiva, Bagno (2009) é categórico quando garante que se alguns termos “desaparecem” da língua, é porque não fazem mais diferença para seus falantes, pois são eles que podem determinar o que deve ser conservado ou até mesmo descartado, diante das suas intenções comunicativas, visto que somente os falantes de uma língua são capazes de saber o que necessitam para viver em uma sociedade em termos de linguagem.

Em vista disso, inferimos que qualquer língua falada por determinado grupo, apresenta variação, resultando em um conjunto de variedades, e que cada geração de falantes contribui para o enriquecimento da língua, reinterpretando as regras, pois muitas vezes é preciso que elas sejam simplificadas para que haja uma comunicação mais clara para renovar e ampliar todos os meios que possuímos para que tenhamos uma interação melhor.

Para compreendermos satisfatoriamente os fenômenos que agem diretamente e contribuem para a heterogeneidade da língua, é preciso que alguns termos sejam discutidos, porque comumente há empregos equivocados dessas terminologias.

Assim, ao nos referirmos ao termo “variação”, reiteramos desse modo que a nossa língua não apresenta homogeneidade. As variações linguísticas estão relacionadas a adequação que o falante faz acerca das expressões utilizadas em seu discurso a fim de atender ao propósito da situação comunicativa o qual esteja inserido, incluindo também todos os níveis da língua, já que a variação não está apenas concentrada aos aspectos linguísticos, mas também sociais.

Diante do exposto, é pertinente apontar que o fenômeno da variação linguística se manifesta em vários campos da língua, seja fônico, morfológico, semântico, mas isso vai mais além, pois conforme Monteagudo (2011, p. 19):

No entanto, no caso de outras variantes, a aparição de uma ou outra não depende de (ou não se correlaciona com) fatores linguísticos estruturais, mas com fatores sociais ou funcionais, como pode ser a identidade do falante ou a situação de uso da língua ou o tipo de texto que aparece [...].

A partir disso, é possível assegurarmos que as variações da língua não decorrem somente no modo de falar dos indivíduos pertencentes a um mesmo grupo social (variação social), por exemplo, isso também poderá ocorrer em uma situação individual (variação estilística) em que o falante tenha que regular a sua linguagem para um grau de monitoramento maior ou menor, além do mais isso poderá ocorrer tanto na língua falada como na escrita. Nessa perspectiva, Alkmin (2001, p. 40) expõe que

[...] assim é que observamos estilos distintos quando um falante conversa com um amigo ou com vizinhos recém-conhecidos, ou com um médico, durante uma consulta, bem como ao escrever um bilhete a um colega de faculdade, uma carta à seção de leitores de um jornal ou ao elaborar um relatório dirigido a um superior no trabalho.

Já que tratamos de situações comunicativas com propósitos diferenciados, é habitual que adequemos a nossa linguagem à situação, isso nos evidencia que tanto a oralidade como a escrita admitem variações diante da situação.

É importante ressaltar que todos os propósitos comunicativos são organizados linguisticamente no intuito de atender às necessidades de seus falantes, embora muitas vezes isso seja visto como uma linguagem inadequada quando comparada à norma-padrão imposta pela gramática.

Sendo assim, analisar a variação linguística favorece uma reflexão constante em relação à língua, conseqüentemente uma oportunidade de combater o preconceito linguístico que atinge a língua portuguesa.

Sabemos que a língua portuguesa possui um sistema de regras que se responsabiliza por um suposto bom funcionamento da língua. Contudo, quando um elemento sofre alguma mudança havendo possibilidades para isso, estaremos diante de uma variante, isso ressalta que é possível utilizarmos mais de uma forma para a mesma situação comunicativa.

Por outro lado, a variedade linguística refere-se aos diversos modos de falar uma língua, em conformidade com alguns fatores como classe social, região, grau de instrução, entre outros. Além do mais, é possível encontrá-las em cada grupo

social, uma vez que cada uma poderá possuir uma relação social distinta. Acerca dessa ideia, Bagno (2007, p. 47) ressalta que “cada variedade linguística tem suas características próprias, que servem para diferenciá-la das outras variedades.”

Em função de que a língua está a dispor das pessoas, no que se refere aos propósitos comunicativos, isso nos leva a compreender que claramente as variedades linguísticas possuem suas singularidades, conforme foi apontado. Isso, pois nenhuma língua funciona desvinculada dos seus falantes, logo podemos considerá-la como uma identidade de seu povo, que por sua vez não pode ser anulada do seu contexto e de quaisquer outras circunstâncias sociais.

Sobre a relação entre a oralidade e a escrita, Antunes (2009, p. 208) defende que

Seja em relação à oralidade, seja em relação à escrita, a consideração do fenômeno da variação linguística implica, necessariamente, a inclusão dos muitos fatores pragmáticos envolvidos na interação. Quer dizer, se a realização da língua comporta variações é, sobretudo, por determinação de elementos extrínsecos a ela, elementos constituintes da situação social em que a atividade social em que a atividade verbal se insere, tais como o estatuto social dos interlocutores, o tipo de relação que se estabelece entre eles, os propósitos em causa, o espaço cultural em que acontece o evento comunicativo, entre outros.

Logo, a língua se concretiza através de nossas ações comunicativas, diante das diversas formas que existem de exercermos essas práticas é que concretizamos que linguisticamente a diversidade de gêneros textuais também contribui para que compreendamos que a língua disponibiliza uma série de possibilidades de variação da língua, uma vez que tanto a oralidade, a escrita e os gêneros textuais são passíveis de mudanças.

Infelizmente, ainda nos deparamos com uma variedade linguística sendo mais prestigiada pela sociedade, em sua maioria corresponde àquela com um grau maior de uniformidade. No entanto, refletindo sobre o prestígio e estigma que algumas formas linguísticas sofrem, Bagno (2007) esclarece que

O mais importante nessa reflexão sobre o **estigma** e o **prestígio** atribuídos às formas linguísticas é saber que esses juízos de valor não têm a ver com as características propriamente linguísticas do fenômeno, mas sim com as **avaliações sociais lançadas sobre os falantes**, isto é, sobre os seres humanos que empregam essa ou aquela forma linguística (grifos do autor).

Nesse ponto de vista, compreendemos que a forma como os falantes utilizam a língua são julgadas sob aspectos sociais, a sociedade julga conforme os valores que por ela é conveniente e estabelece se é uma língua de prestígio ou não.

Infelizmente nesses casos, a pessoa é julgada pela forma como fala ou escreve, isso nos mostra que sempre haverá julgamentos onde existir variações. Assim, a ideia de que a língua de prestígio tem mais valor perante alguns na sociedade anula àqueles que não atenderam aos supostos parâmetros exigidos.

No entanto, do mesmo modo que um cidadão se configura erudito e culto, sente-se orgulhoso por isso, um trabalhador assalariado ou uma doméstica que não tenha um conhecimento maior sobre as regras da gramática, também se orgulham dos valores que possuem.

No Brasil, este prestígio social associado ao português padrão ainda é um valor que se propaga desde o início da nossa colonização. A maneira como alguém usa a língua ainda é requisito para que alguns grupos sociais sejam diferenciados perante a sociedade. Infelizmente entre os milhares de mitos relativos à nossa língua, um deles é que há uma homogeneidade linguística. Fato esse totalmente sem legitimação.

Segundo Bagno (2007), a variedade estigmatizada corresponde a uma linguagem da camada mais popular, incluindo os habitantes da zona rural e urbana, porém é de conhecimento da maioria dos estudiosos que as variações linguísticas são fenômenos naturais da língua, e que mesmo àquelas que possui um grau de monitoramento maior ou aquelas situações comunicativas que exigem mais do falante também é passível de variações.

Entretanto, muitas vezes isso passa despercebido dos olhares dos críticos. Posto que é mais oportuno observar alguma inadequação num texto escrito por um aluno em sala de aula ou um bilhete informal a uma reportagem em um jornal de grande circulação ou até mesmo em um discurso de alguma autoridade na TV. Em relação às variáveis, Mollica (2003, p. 27) expõe:

Como já sabemos, a variação linguística é uma das características universais das línguas naturais que convive com forças de estabilidade. Aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais. Eles podem ser agentes internos e externos ao sistema linguístico.

Dessa forma, constatamos que nenhum fenômeno age isoladamente, assim como todas as línguas estão sujeitas às mudanças, por quaisquer circunstâncias, ou seja, fônica, morfológica, sintática, semântica, entre outros.

Sobre o exposto, evidenciamos que não podemos considerar a língua como um conjunto de regras a serem seguidas, de forma mecânica e estática. Ainda nesse aspecto, algumas regras até as possuímos internalizadas, entretanto se posto em discussão algum fato sobre seu funcionamento, muitos não conseguirão explicá-lo, isso porque a língua é algo nato do ser humano, que perpassa por qualquer colocação teórica. Em relação a essa ideia, Bagno (2013, p. 50) esclarece que

a língua **não é somente um sistema de regras** que temos interiorizadas em nosso cérebro e que nos permitem ativar nossa capacidade de expressão e comunicação por meio da linguagem verbal. Para o leigo, ou seja, para a retumbante maioria das pessoas, a língua é, antes de qualquer coisa, uma **instituição social e cultural**, semelhante às religiões, às leis, aos costumes, aos códigos consagrados em dada sociedade (grifos do autor).

Por conseguinte, é preciso que os fenômenos linguísticos que circundam a nossa língua sejam valorizados pelos seus falantes, para que possam entender o funcionamento dela, sem desprezar nenhuma particularidade. E acima de tudo que todas as influências deles ter sejam consideradas como algo enriquecedor da língua.

Há uma necessidade para isso, já que a variação linguística é tida como um tema bastante controverso. Por esta razão, é um tema que se torna mais apropriado e relevante de ser investigado.

Considerando esses fatos, Bortoni-Ricardo (2005, p. 14) reconhece que

No Brasil, as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteadada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado. O ensino sistemático da língua é de fato uma atividade impositiva.

O ensino de língua portuguesa precisa avançar na concepção de estudos da língua, junto a isso é preciso que sejam oferecidas melhores condições de aperfeiçoamentos aos professores, como também analisar bem os livros didáticos e outros suportes que servem de apoio às aulas.

Em sua grande maioria, as aulas de análises linguísticas são exclusivamente para detectarem erros gramaticais, observar a sintaxe e outros assuntos pertinentes

como costume. Então, é nesse momento que o aluno se sente despreparado e com a falsa visão que não possui nenhum conhecimento sobre a língua que ele fala e domina.

Dessa forma, tudo que não está de acordo com as discussões em sala de aula e com as imposições do que é realmente certo durante a aula, anula qualquer possibilidade de interesse que o aluno possua naquele momento.

Logo, é preciso que essas diferenças sejam respeitadas e que a escola possa proporcionar ao aluno condições para que ele compreenda a sua linguagem e amplie o seu repertório linguístico.

Compreendemos que essas abordagens em relação às variações não podem ser despercebidas, ou seja, a escola não pode ignorar esses fenômenos. Então, práticas pedagógicas com esse intuito deverão ser estendidas aos alunos através de análises com textos inteiros que façam parte do cotidiano deles e de falas autênticas. Ou até mesmo a partir de textos produzidos por eles mesmos, pois muitos não valorizam o que produzem.

É perceptível que essas variações linguísticas também possam surgir em todos os níveis da língua e a partir de diferentes fatores, como origem geográfica, classe social, profissões, faixa etárias, entre outros, além disso, nosso país possui grande influência de outras línguas, também favorece para essa grande diversidade.

Portanto, faz com que percebamos que a língua está em constantes mudanças e influências e que os fatores extralinguísticos também são responsáveis por isso. Em vista disso, é preciso que façamos uma análise crítica sobre esses fatos, pois é necessário que esses assuntos sejam mais difundidos pela comunidade escolar em suas atividades pedagógicas.

1.5. O tratamento da variação linguística e as implicações para o ensino

Partindo do pressuposto de que a língua é inerente às transformações, e que os falantes são responsáveis pelo seu funcionamento, isso faz com que haja a necessidade de um ensino mais cuidadoso em relação a esse fenômeno. Embora essa ideia seja algo que necessita ser posta em prática na escola, em sua maioria, o tratamento que é dado não concerne ao que é orientado pela maioria dos estudiosos da área.

Além disso, é necessário que os alunos possam ter acesso à diversos tipos e gêneros textuais, embora ainda prevaleça em alguns suportes pedagógicos o estudo pautado apenas em textos literários. Apesar de ser algo indispensável, é preciso oferecer outros textos para que os alunos se familiarizem e reconheçam a sua linguagem como parte do processo de ensino aprendizagem. Ademais, propor produções textuais que não possuam nenhum objetivo para ele não contribuirá para que o seu vocabulário seja enriquecido.

Quando o aluno chega à escola, já possui competências comunicativas provenientes do ambiente ao qual convive, ou seja, todo o seu contexto em que é inserido. Também é importante salientar que o fato de alguém fazer uso de uma variante, não é motivo para julgarmos o seu repertório linguístico. Conforme Bagno (2013), há muitos falares, o que os tornam todos legítimos, apenas precisam ser adequados e próprios para cada situação.

Sendo assim, competente é aquele que consegue dominar os falares, para que saibam apropriar às situações mais ligadas às falas e à escrita formais, embora percebamos que o ensino, por vezes, não prioriza esses fatores, deixando-os em segundo plano ou até mesmo ignorando-os.

Do mesmo modo, é clara a ausência de atividades pedagógicas voltadas para uma prática mais consciente e que não utilize a linguagem como um meio para exploração puramente gramatical, desprezando dessa maneira a língua. Desse modo, o fato de usar a gramática corretamente, de acordo com a norma-padrão, não garante a eficácia de uma língua.

Ainda é comum nos depararmos com análises linguísticas a partir de frases soltas, ou apenas de trechos textuais, desconsiderando toda a sua composição textual. Embora isso possa ocorrer, um texto não pode ser bem analisado sem a sua totalidade, pois vários aspectos precisam ser observados, de maneira que nenhum elemento deveria ser descartado.

Seria o mesmo que analisar um livro somente observando uma página dele, logo não é adequado fazer recortes de trechos e ainda exigir que seja feita uma análise profunda sobre eles, ou até mesmo utilizar uma estrofe ou um verso de um poema e propor analisar a sua essência.

Partindo dessa ideia, as tirinhas comumente são vistas apenas para serem retirados termos para análises gramaticais ou até mesmo para ilustrar uma

introdução de um assunto gramatical ou textual, sem explorar suas especificidades e valores no campo linguístico.

Ainda sobre escola e a variação linguística, Faraco (2008, p. 177) diz que

Nos livros, os fenômenos de variação são ainda marginais e maltratados (são abordados tendo a cultura do erro como pano de fundo). Quando se fala em variedades da língua, predominam referências à variação geográfica (sem dúvida, a mais fácil de ser abordada por envolver menos preconceitos do que a variação social). No entanto, os fenômenos são aqui apresentados muito mais de uma maneira anedótica do que com expressões linguísticas da história das comunidades de cada região.

Ademais, é frequente os livros didáticos se referirem às variações como sinônimos de regionalismos, ou até mesmo de pessoas não escolarizadas. O teor como é abordado, conduz a uma espécie de preconceito linguístico, por vezes pelos próprios falantes. Bagno (2013, p. 82), refere-se a isso da seguinte forma:

Parece estar por trás dessa tendência a suposição (falsa) de que os falantes urbanos e escolarizados usam a língua de um modo mais uniforme, mais “correto”, mais próximo do padrão, e que nesse uso não existe variação. De fato, como vamos ver, a variação presente nas normas urbanas de prestígio é sistematicamente atribuída à “informalidade”, o que é um tremendo equívoco na análise.

Essa colocação nos remete a grande insistência que o livro didático e outros suportes textuais têm em relação aos quadrinhos do personagem Chico Bento, por exemplo, pois facilmente são encontradas atividades inadequadas do ponto de vista linguístico, já que em grande proporção possuem uma visão distorcida sobre a língua, e o que pretendia ser um ensino, conduz a uma análise infundada.

Em vista disso, é recorrente encontrarmos materiais didáticos referindo-se diretamente ao personagem Chico Bento, além do mais já é habitual a presença desse para a elaboração de atividades e questionamentos estereotipadas, sendo usada a linguagem dele unicamente para exemplificar o “falar rural”, contribuindo ainda mais para as críticas infundadas e o preconceito que cerca as pessoas que residem na zona rural. São situações assim que acendem os estigmas que fazem parte da maioria da sociedade.

Segundo Bagno (2013), ações como essas acabam “folclorizando” o fenômeno. Então, as atividades deveriam ser direcionadas para que os alunos pudessem reconhecer que a língua é heterogênea, pois as variações estão

presentes em todas as camadas sociais e nas diferentes modalidades da língua, ademais, é papel da escola conscientizá-los sobre a função social que a língua possui.

Nessa perspectiva, Bagno (2013, p. 98) ressalta essa importância quando menciona que

outro modo de analisar o fenômeno seria argumentar que a língua não existe fora dos seus falantes e que, por conseguinte, são os falantes que constroem as regras de sua língua. Isso torna simplesmente impossível alegar que os falantes “costumam desobedecer às regras da língua”. Eles simplesmente obedecem, sim, às regras alternativas, variáveis, que também fazem parte de seu sistema linguístico.

Nessa perspectiva, é relevante proporcionar aos alunos o conhecimento sobre as regras que são variáveis, já que algumas são quase inevitáveis, como por exemplo, o conceito que o advérbio é uma classe gramatical invariável, no entanto quando o falante diz “que acordou *cedinho*”, neste momento ele estaria mudando a regra para se adaptar melhor a sua linguagem e a sua intenção comunicativa, quando flexiona no diminutivo o advérbio de tempo *cedo*. É possível encontrarmos alguns advérbios sob o mesmo caso mencionado, alguns estudiosos defendem que não se trata de uma flexão, mas de uma derivação de grau. Isso tanto poderá ocorrer na fala ou até mesmo na escrita, portanto são expressões comuns na linguagem popular.

Embora o uso do termo mencionado não corresponda às regras da gramática normativa, o uso do sufixo no advérbio *cedinho*, nesta situação consideramos um termo aceitável, pois atende às necessidades da língua dentro do contexto que ele geralmente é inserido. Logo, é relevante para o aluno que essas questões sejam postas em discussão em sala de aula, para que ele possa se posicionar conscientemente sobre a língua. Isso não o distancia das regras linguísticas consideradas como padrões da língua, porém não as coloca como prioridade, uma vez que a língua precede quaisquer normas que existam.

A partir dessas práticas, temos uma oportunidade para que haja um enriquecimento vocabular com o intuito dos alunos ampliarem uma competência comunicativa, através das práticas discursivas, inseridas nos gêneros textuais. E a partir disso, aprimorar cada vez mais a capacidade de empregar adequadamente a sua linguagem em seus diferentes propósitos.

Por conseguinte, trata-se de um tema muito relevante para discutirmos e nos aprofundarmos a fim de buscarmos alternativas para o abordarmos de forma consciente em sala de aula. E assim sensibilizar os alunos quanto aos aspectos tão importantes da nossa língua, uma vez que a variação linguística está intimamente ligada ao meio social e cultural aos quais eles vivem. Por conseguinte, refletir sobre a realidade linguística de cada um deles, e acima de tudo combater o preconceito linguístico que vem atravessando gerações é um dos principais objetivos que pretendemos alcançar.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Concebemos o princípio que ações pedagógicas necessitam ser mais eficazes para que possamos abordar aspectos da língua portuguesa a partir de um gênero textual. Para isso, desenvolvemos algumas estratégias metodológicas para analisarmos alguns assuntos como já mencionados neste trabalho.

Então, neste capítulo, tratamos sobre os aspectos que desencadearam nossas abordagens feitas através dos métodos da pesquisa qualitativa, já que ela privilegia as práticas e interações dos sujeitos diante do seu dia a dia, nesse caso, referir-se a determinado aspecto da realidade em sala de aula.

Também, conforme Flick (2009, p.25) “[...] os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento, em vez de simplesmente encará-la como uma variável a interferir no processo.”

Além disso, a escolha pela pesquisa qualitativa nos possibilita através das análises e das atividades em sala de aula, constatar a maneira pela qual os participantes dessa pesquisa acolhem e interagem com o objeto em análise.

Esta pesquisa é de caráter descritiva e interacionista, conforme Thiollent (2011, p.28)

Consideramos que a pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação ou participação. Com ela é necessário produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas.

Dessa forma, a intervenção didática partiu do modelo de Sequência Didática adotado por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), sendo a mais adequada ao desenvolvimento dessa pesquisa, pois buscará um contato direto e participativo dos alunos.

Ao elaborarmos nosso trabalho na escola, consideramos algumas indagações acerca das diferentes linguagens existentes em nossa língua, para diferentes contextos. E partir disso verificamos que a maioria dessas particularidades da língua não são tratadas e/ou abordadas no ambiente escolar como deveriam.

Nessa perspectiva, as análises partiram da análise de alguns textos do gênero tirinha, especificamente do personagem Chico Bento. Realizadas as interferências

sobre o gênero, teve como centro de análises as variações linguísticas, de modo que foram focalizadas no intuito de discutir o que realmente é variação nos textos averiguados, sejam eles construídos pelos próprios alunos ou sugeridos no decorrer da sequência pedagógica como objetos de estudo.

2.1. Pesquisa-ação

Partindo do pressuposto que as diferentes manifestações de linguagens perduram no contexto escolar e da grande contribuição que esta pesquisa proporcionará ao ensino, o nosso objeto de pesquisa diz respeito à produção textual, uma vez que há a necessidade de intensificar a prática de escrita desses alunos, assim como o fenômeno abordado em nossa pesquisa também é aparente nessa modalidade.

Ademais, através da pesquisa-ação é possível interceder de maneira adequada nas discursões, como também apontar ações e assim almejar obtenções de bons resultados no decorrer das atividades desenvolvidas planejadas de acordo com a necessidade da turma escolhida para desenvolver essa pesquisa.

A pesquisa-ação objetiva produzir mudanças (ação) e compreensão (pesquisa). Assim, os seus principais objetivos são: melhorar a prática dos participantes; assegurar a organização democrática da ação; propiciar compromisso dos participantes com a mudança.

Santos (2004) menciona que o trabalho docente exige questionamentos e buscas de soluções para os problemas detectados. Ainda assim, a pesquisa é uma prática social que busca produzir informação, apresenta algumas características próprias, acontece em um tempo e espaço definidos e é influenciada por um pressuposto teórico-metodológico.

Através dessa pesquisa, também foi oportuno o planejamento de ações que resultou para o professor uma prática mais voltada para os seus alunos, reconhecendo-os, de fato, como sujeitos principais no ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, é imprescindível ações como a que fora explicitada, já que em consonância com Thiollent (2011, p.20)

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os

participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Assim, a pesquisa-ação propõe que o pesquisador exerça uma interação, seja ela através da teoria e da prática, para que de forma conjunta, possam analisar e buscar explicações, além de possíveis soluções para os problemas que ora surgirem no decorrer dessa pesquisa.

2.2. Ambiente e participantes da pesquisa

A pesquisa será desenvolvida numa Escola Municipal, situada no Bairro Alto da Boa Vista, na cidade de Caicó/RN. A referida escola disponibiliza Educação Básica no nível fundamental I e II (1º ao 9º ano), nos turnos matutino e vespertino, totalizando 252 matrículas no ano letivo em curso, atendendo a uma clientela da zona urbana, moradores do próprio bairro e de outros adjacentes, também possui em seu quadro discente um pequeno número de alunos oriundos da zona rural.

Como participantes dessa pesquisa, além da professora de língua portuguesa dessa escola, mestrande e responsável pela organização e desenvolvimento das ações, a turma escolhida, sendo o 9º ano, turma única dessa escola, totalizando 23 alunos regularmente matriculados e assíduos.

2.3. A sequência didática

A Sequência Didática busca realizar estratégias pedagógicas que possam ser significativas para o processo de ensino-aprendizagem do aluno, já que de maneira interativa, as atividades são elaboradas e aplicadas de forma sistemática, através de estratégias úteis, além de organizar e orientar o processo de ensino, facilitando assim a compreensão do que é exposto. Conforme Zabala (1998, p. 18)

Se realizarmos uma análise destas sequências buscando os elementos que as compõe, nos daremos conta de que são um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos (grifo do autor).

Segundo Dolz e Schneuwly (2004) as Sequências Didáticas buscam favorecer a mudança e a promoção dos alunos para que eles possam adquirir um maior conhecimento sobre os gêneros, assim como dos eventos comunicativos.

Além disso, é na escola, especificamente na sala de aula, que os alunos têm a oportunidade de interagir, através de situações promovidas com ou sem a participação direta do professor. É nesse contexto em que o aluno também adquire conhecimento através da prática da leitura e escrita. Baseando-se nisso, contribui para que o conhecimento conduza os educandos à uma reflexão em torno do ensino apontado.

Nessa perspectiva, para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) salientam o quanto as Sequências Didáticas, sob uma proposta de estudo de um gênero, podem ser utilizadas pelos professores como suportes, uma vez que essas intervenções são essenciais para a organização de uma aprendizagem significativa.

Com essa intenção, é necessário que haja conhecimentos acerca das habilidades e também das dificuldades dos alunos em relação ao gênero proposto, para que ocorra uma avaliação mais consistente. A partir disso, permitir uma sucessão de aprendizagens e aumento da capacidade de concepção, e conseqüentemente incitar a compreensão do mesmo, assim como a reflexão sobre os aspectos sociais proporcionados pelo gênero e o seu contexto. Ademais, Galarza (2015, p. 25) aponta que

Para os alunos, a relevância daquilo que o professor propõe ensinar tem a ver com seu interesse e com a pertinência em relação a sua vida, aos dilemas existenciais ou práticos que lhe causam preocupação naquele momento, com a possibilidade de despertar ou satisfazer sua curiosidade.

Por isso, é imprescindível que durante o processo de execução da sequência didática, sejam dispostos momentos e discussões que favoreçam aos alunos oportunidades de participações em todas as etapas das atividades. Isso contribui para os alunos serem capazes de colocar em prática, de uma maneira geral, todos os conhecimentos adquiridos e partilhados dentro dos objetivos propostos nesta sequência.

De maneira que, o professor também possa realizar uma avaliação diante do desenvolvimento da referida, e se oportuno aprimorar ainda mais as atividades que no momento estiverem sendo realizadas. Zabala (1998, p.20) ressalta que

“[...] As sequências podem indicar a função que tem cada uma das atividades na construção do conhecimento ou da aprendizagem de diferentes conteúdos e, portanto, avaliar a pertinência ou não de cada uma delas, a falta de outras ou a ênfase que devemos lhe atribuir.”

Então, é possível que na Sequência Didática, haja uma sistematização de conhecimentos, seja no decorrer do processo de aprendizagem ou em seus momentos finais de aplicação.

Isso possibilita uma avaliação constante por parte do facilitador, uma vez que as intervenções terão oportunidades de serem bem orientadas, permitindo assim um trabalho singularizado.

Essa ideia, vai ao encontro sobre o que Marcuschi (2008) destaca em relação as vantagens que uma sequência didática pode favorecer ao ensino como pontos relevantes, pois além de fazer uso do gênero textual como ponto de partida para o desenvolvimento das intervenções, esse deverá ser pautado sobre o contexto o qual o aluno faz parte, à vista disso, é algo que propicia ao aluno enfrentar e a analisar fatos que possam fazer parte do seu cotidiano, tornando isso significativo para ele. Neste aspecto,

É preciso que os professores saibam construir atividades inovadoras que levem os alunos a evoluírem, nos seus conceitos, habilidades e atitudes, mas é necessário também que eles saibam dirigir os trabalhos dos alunos para que estes realmente alcancem seus objetivos propostos. É importante o envolvimento dos participantes em atividades de ensino que sejam problemáticas para os alunos a que se destinam. (CARVALHO; PERES, 2001, p. 114)

Diante disso, é importante que durante esse processo de ensino-aprendizagem haja uma relação entre o conhecimento prévio do aluno e àqueles novos saberes que forem sendo desenvolvidos durante as intervenções, para que também ocorra um desenvolvimento significativo na aprendizagem, mesmo que esse seja de forma gradual, uma vez que serão consideradas também as complexidades presentes nas atividades que serão desenvolvidas.

Quanto ao planejamento das atividades desenvolvidas a partir da execução da Sequência Didática é considerado um fator determinante para que os objetivos delimitados sejam atingidos. Conforme Galarza (2015) “fundamental para o trabalho pedagógico na escola é a relevância do conteúdo que se quer ensinar.” Posto isso,

é preciso proporcionar aos alunos atividades pertinentes ao contexto a que eles pertençam, para que possam despertar ou aprimorar seus conhecimentos.

Considerando essa ideia, é papel do professor buscar e estabelecer métodos significativos para que as intervenções sejam bem articuladas, a fim de que ocorra uma aprendizagem significativa para o aluno, visto que os propósitos que nortearam a execução desta sequência foram elencados de conformidade com situações vivenciadas pelos próprios alunos.

Conseqüentemente, o uso de uma proposta bem elaborada, somando-se a isso a utilização de um gênero textual pertinente de análise e discussões bem norteadas, permitirão um estudo significativo da nossa língua inserida em um contexto.

Também nessa perspectiva, Galarza (2015, p. 68) defende

A existência de um tema que perpassa as diversas atividades possibilita romper com a fragmentação do conhecimento e com a alienação que muitas vezes caracteriza a atitude dos alunos na realização das atividades escolares.

Em vista disso, é necessário primeiramente que o professor reflita quais os verdadeiros objetivos que almejam alcançar e se realmente as atividades propostas são apropriadas àquela situação pretendida junto às necessidades educativas desses alunos.

Esta Sequência Didática evidencia a importância que devemos ter sobre a forma com a qual variação linguística é tratada nos gêneros textuais, especificamente no gênero tirinha. Percebemos que na maioria dos casos, esse gênero é abordado apenas como pretexto, desprezando sua estrutura e seu propósito comunicativo.

Ademais, a linguagem é na maioria das vezes desprezada, pois os elementos linguísticos não são abordados como deveriam, principalmente em relação às variações linguísticas da nossa língua.

Por isso, é necessária uma análise mais detalhada sobre esses casos, como: discutir os níveis de variação, por exemplo, assim como o preconceito linguístico, pois há muitas situações em que as variações, algo comum e natural presente em uma língua é vista de maneira equivocada e errônea pelos seus próprios falantes.

A avaliação das atividades foi pautada através das observações e do desenvolvimento dos trabalhos desenvolvidos.

A partir da leitura de algumas tirinhas, foram retomados alguns conhecimentos essenciais sobre os gêneros textuais, visto que é de suma importância uma intervenção a partir dos gêneros, já que eles estão inseridos em um dado contexto social. Por isso, dá-se a relevância em identificar e sintetizar o papel do gênero em nossa sociedade, e oportunamente relacionar o papel social que eles cumprem, em razão de que a linguagem é antes de tudo uma identidade social.

E assim, considerando então que todos os textos possuem traços linguísticos específicos, em outro momento, é primordial que algumas tirinhas sejam analisadas quanto à adequação e a pertinência da linguagem ali utilizada, já que elas podem ser escritas sob diferentes contextos e, conseqüentemente poderá haver diferentes casos de variação linguística.

Desse modo, desejamos propiciar ao aluno a percepção de que a nossa língua não é uniforme e que se adapta às circunstâncias, em uma grande diversidade linguística que faz parte da nossa identidade, logo, deve ser tratada com respeito.

Para compor mais análises e discussões, selecionamos algumas cópias de tirinhas do personagem Chico Bento, uma vez que ele é figura recorrente como pretextos nas atividades na maioria dos livros didáticos, portanto já bem conhecido por grande parte dos alunos.

A partir desses textos, observar os níveis de variação que aparecem neles, e principalmente que, são utilizados muitas vezes para esse único fim, isto é, de maneira equivocada abordar traços da linguagem, especificamente sobre as variações linguísticas, enfatizando em grande maioria de maneira estereotipada muitos termos usados pelo personagem.

Na oportunidade, é necessário reconhecermos alguns termos usados pelo personagem em sua tirinha e percebermos que alguns deles já são falados ou escritos tal qual ele, e que aquela linguagem não é algo inerente às pessoas que moram na roça ou que não possuem um grau de escolaridade mais avançado. E para ilustrar esse pensamento, é pertinente selecionar alguns desses termos e montar um pequeno glossário, com expressões que variam, partindo também do conhecimento dos alunos, ou seja, oriundos da sua convivência em sociedade.

Com isso, pretendemos que os alunos possam relacionar as variações linguísticas ao seu dia a dia, e conseqüentemente que seja possível proporcionar relatos nas discussões no intuito de analisarmos se realmente esses termos são usados, e se são considerados motivos para que haja algum tipo de preconceito, ou seja, que os traços culturais que a língua possui de forma natural, seja desconsiderado.

Este será o momento de provocar mais reflexões sobre as possíveis causas que desencadeiam o preconceito linguístico e de que maneira elas possam ser combatidas, pois, em nosso país a língua é peculiar ao seu falante inserido no meio em que vive. Sendo que dessa maneira, não há uma linguagem mais certa, mas sim, adequada aos diferentes contextos e/ou propósitos comunicativos.

Para acentuar as análises, o contato com outros textos que também possuam variações é importante para que os alunos percebam que não é algo específico apenas com a tirinhas do Chico Bento. Além disso, relacionar o impacto que outros textos causam na sociedade, ou seja, se são bem aceitos, ou se também são objetos de estudos da linguagem de forma inadequada.

Com essa ação, pretendemos constatar, principalmente, se em todos os gêneros haveria variações da nossa língua, já que nenhuma delas deverá ser objeto de análise pejorativa dos falantes e em vista disso, ser alvo de preconceito.

Para compor esta discussão, foi proposto aos alunos um confronto de alguns termos comuns que o personagem Chico Bento faz uso nas tirinhas em análises, com algumas falas que serão solicitadas a esses alunos que capturem, com a permissão desses falantes, áudios espontâneos de conversas. Essa coleta deverá ser feita com pessoas distintas em diferentes contextos a ser definidos. E a partir disso, visamos que o aluno compreenda que em todas as variedades linguísticas existem traços específicos.

E assim, realizadas as discussões diante do material coletado nos áudios dos falantes, os alunos produziram um texto acerca dos conhecimentos e inferências que puderam obter, como também as principais semelhanças e diferenças que puderam constatar. Feito isso, é o momento de relacionar essas percepções com a linguagem utilizada na tirinha do Chico Bento, e buscar reflexões acerca do modo como é tratado o texto desse personagem, como também analisarmos se a linguagem dele

condiz unicamente com uma linguagem específica de alguém que more na roça ou que não seja escolarizado.

2.4. Proposta de intervenção

É essencial ao desenvolvimento de uma pesquisa-ação o reconhecimento de que é necessário desenvolver estratégias capazes de auxiliar ao aluno a compreensão da problemática que é exposta na sequência didática, bem como de que maneira será abordada e que competências serão importantes no desenvolvimento dessa.

Thiollent (2011) enfatiza também a quão significativa é uma pesquisa-ação, que não é voltada apenas para uma ação ou pela participação dos participantes dela, mas direcionada para a produção de conhecimentos e para a aquisição de experiências. Dessa forma, é possível que as discussões sobre as questões abordadas fluam de maneira para satisfatória.

Nesta pesquisa, propomos uma análise do gênero tirinha, especificamente de um personagem, uma vez que se notou um desconforto por parte dos alunos em relação a linguagem dela, principalmente pelas críticas que são feitas ao modo como personagem fala. Em vista disso, foi necessário proporcionar um estudo mais preciso sobre esse gênero e, principalmente, examinar os seus propósitos em relação ao uso da sua linguagem. Para tal fim, propostas de leituras, discussões, análises e produções textuais conduziram grande parte desta sequência. Assim, para buscar fundamentos e elucidar tais inquietações sobre a situação já mencionada, elaboramos esta proposta.

Com efeito, será descrito de que maneira a sequência didática foi organizada, considerando seus objetivos a serem atingidos. O presente desenvolvimento será realizado na turma de 9º ano da Escola Municipal Prof. Raimundo Guerra, localizada na cidade de Caicó/RN.

Como já fora explicitado, a proposta, fundamentada a partir do modelo de sequência didática de Dolz e Schneuwly (2004), foi organizada em consonância com o gênero tirinha, enfatizando a sua estrutura e principalmente a sua linguagem, em um dado caso já exposto.

Seguindo a estrutura proposta pelos autores supracitados, é preciso que primeiramente seja exposta aos alunos a apresentação de modo explícito da situação em que se baseará as atividades para que eles possam perceber a relevância dos assuntos que serão abordados e assim despertar neles um maior interesse.

A partir dos módulos, as dificuldades ora surgidas foram pontos de partida para que subsídios fossem buscados a fim de que as dificuldades dos alunos pudessem ser superadas. Também é importante ressaltar que todo planejamento é vulnerável à mudança de acordo com a necessidade no ensino-aprendizagem dos alunos.

Por conseguinte, apresentamos a seguinte proposta para o desenvolvimento da intervenção:

- a) Título: “UM NOVO OLHAR SOBRE A LINGUAGEM NO GÊNERO TIRINHA”
- b) Assunto: o tratamento da variação linguística no gênero tirinha
- c) Conteúdo: variação linguística
- d) Recursos que serão utilizados: textos impressos, projetor multimídia, aparelhos de áudio e vídeo, lousa e marcador.
- e) Objetivo geral
 - Instigar o aluno a perceber a variação linguística como um fenômeno importante na língua que faz parte do cotidiano dos falantes e com isso, motivá-lo a usar a língua adequadamente aos seus mais diversos contextos comunicativos.
- f) Objetivos específicos
 - Averiguar os elementos básicos que constituem o gênero tirinha;
 - analisar a linguagem contida nas tirinhas em estudo e abordar os traços linguísticos presentes nelas;
 - verificar os tipos e os níveis de variação linguística;
 - discutir fatos relacionados ao preconceito linguístico;
 - desmitificar situações em que a linguagem seja vista como erro e não como uma variação da nossa língua.

2.4.1. Etapas da proposta didática

Expomos a proposta didática, cuja organização está dividida em cinco módulos, perfazendo um total de 20 aulas, com duração de 45 minutos cada.

Módulo 1 (03 aulas): aprimorar as habilidades de leitura e tomar conhecimentos sobre os elementos básicos da estrutura do gênero em estudo.

Em um primeiro momento, através de uma conversa informal identificar os conhecimentos que os alunos já possuem sobre o gênero em estudo. Para isso, dispor de cópias de materiais impressos com uma seleção de tirinhas do Chico Bento. Após esse momento, provocar uma discussão acerca dele para que os alunos possam elencar alguns conhecimentos que já possuem sobre ele e o gênero, inclusive a estrutura textual e a linguagem empregada nela.

Depois, analisar de forma consistente os recursos visuais, como também os tipos de balões presentes nas falas das personagens, na oportunidade, explorar as características dos tipos de discursos delas.

Posteriormente, discutir de forma oral o enredo da tirinha e reconhecer os suportes textuais que ela geralmente circula, assim a sua influência na sociedade e os propósitos comunicativos que ela pode favorecer.

Esse primeiro contato dos alunos com o gênero é bastante importante para que o professor possa analisar os conhecimentos que eles possuem em relação a tipologia e suas peculiaridades.

Módulo 2 (04 aulas): analisar a linguagem contida nas tirinhas em estudo e abordar os traços linguísticos delas.

A princípio, apresentar aos alunos algumas cópias xerografadas com tirinha do personagem já mencionado, a partir disso, ler e compreender o enredo dela, atentar para os seus detalhes, inclusive o modo de falar dos personagens, e logo discutir sobre as primeiras impressões da linguagem contida, fazendo uma reflexão da linguagem regional com a escrita considerada pelos manuais de gramáticas, como padrão da nossa língua.

Também é preciso destacar que essa escrita da tirinha busca representar a linguagem oral dos personagens, sendo assim, não podemos considerar que a mesma foi escrita de maneira incorreta, ou seja, configurando erros de ortografia da

língua, já que ali existe um propósito, ou seja, uma tentativa de representação da fala dos mesmos. Na oportunidade, ressaltar o que pode influenciar a nossa língua a ponto da linguagem representar tão bem os seus falantes, ademais tratar sobre o que pode gerar o preconceito linguístico e quais as consequências disso.

Feito isso, é o momento de ressaltar que o falar de cada pessoa, seja de qual região ela for, precisa ser respeitado, mas que esse “padrão” da língua portuguesa necessita em algumas situações ser considerada.

Esta é uma oportunidade de contribuir para que os alunos adquiram uma consciência linguística, para que haja um domínio sobre a língua através da reflexão sobre a adequação da linguagem aos diferentes contextos sociais e respeitá-los.

Proporcionar momentos para que os alunos possam pôr em prática como adequar a linguagem deles nas diferentes situações comunicativas e assim permitir o conhecimento sobre os graus de monitoramento da língua, considerando para isso o propósito comunicativo.

Módulo 3 (04 aulas): Analisar a variação linguística em nosso cotidiano através de gêneros que façam parte do dia a dia dos alunos.

Para esta atividade utilizar material impresso com algumas letras de músicas de gêneros diversificados e propor que busquem identificar nesses textos expressões que sejam consideradas por eles como variações da nossa língua, e analisar as principais marcas linguísticas que possuem, entre elas aspectos semânticos, léxicos, sintáticos, supressão de letras, entre outros, a fim de que percebam que esse tipo de variação aparece de diferentes modos e em diferentes e a partir disso discutir com eles sobre os possíveis motivos para que estes fenômenos da língua surjam. Também elencar àquelas que façam parte do cotidiano deles ou que tenham conhecimento sobre o uso deles.

Em outro momento, relacionar essas expressões às que foram destacadas nas tirinhas da atividade anterior e logo após promover um debate sobre as suas principais características, pondo em destaque as principais semelhanças no uso delas em ambos textos.

Dando continuidade, sugerir uma conversa informal acerca dos fatores que contribuem para essas variações, assim como se houve algum propósito para o uso

delas ou se a escolha foi proposital, visto que em letras de músicas é bastante comum isso acontecer.

Além disso, buscar discutir sobre as influências da música na vida das pessoas, e se há possibilidades das linguagens empregadas nas músicas motivarem casos de preconceito linguístico na língua.

Módulo 4 (04 aulas): explorar a variedade linguística e relacioná-la ao dia a dia dos alunos

Através de uma aula expositiva expor algumas características e funções do gênero verbete para que a sua estrutura seja reconhecida e assim facilitar a sua produção durante esta atividade.

À princípio é preciso retomar os assuntos que vêm sendo debatidos acerca da tirinha do Chico Bento, como a questão da linguagem, já que defendemos que não se trata nenhum modelo específico de registro de falantes da zona rural.

Para isso, solicitar aos alunos que busquem listar palavras ou expressões que façam parte do convívio deles e que sejam considerados por eles como variantes da língua, além do mais, dispor sobre os seus significados dentro do contexto em que eles são inseridos, como também identificar que outros sentidos ainda podem receber e acrescentar essas outras definições.

Assim, estabelece-se um debate em relação aos diversos falares que coexistem em nosso país, enfatizando que cada falante ou grupo possui suas particularidades, de maneira que nenhuma delas pode ser considerada de maior prestígio, combatendo, dessa maneira, o preconceito linguístico. Além disso, relacionar essas singularidades como traços importantes de cada falante da nossa língua.

Módulo 5 (05 aulas): a partir das situações de exemplos de que a linguagem é considerada de forma equivocada, constatar que em todas as variedades da língua pode haver variações de acordo com a situação e o propósito comunicativo.

Primeiramente, solicitar aos alunos que busquem fazer algumas gravações de vídeos ou apenas de vozes, através de entrevistas ou de situações habituais de pessoas em diferentes idades, profissões, graus de escolaridades, ou seja, distintos contextos da sua localidade, seja da zona rural ou urbana. Nesta atividade, também

utilizar cópias de algumas tirinhas selecionadas para esta sequência e confrontar a linguagem empregada nelas com o material coletado pelos alunos.

Dando seguimento às atividades, é o momento de discutir as principais evidências que os alunos obtiveram nessas comparações, na oportunidade, pedir a eles que se reúnam e relacionem as principais diferenças e semelhanças que perceberam entre o material colhido e as falas do Chico Bento.

Seguidamente, desejamos que os alunos compreendam que as variações linguísticas da nossa língua são fatores naturais dela, uma vez que são os falantes que a influenciam constantemente diante de muitos fatores, o que a torna bem dinâmica e realmente como um traço significativo da nossa identidade cultural.

Como atividade final, solicitar-se-á a produção de um relato a respeito das considerações sobre o que puderam absorver e compreender diante das discussões e das atividades práticas realizadas nesta sequência didática.

Com os principais termos variantes que os alunos reuniram durante os trabalhos de pesquisa de campo, especificando seus significados diante da situação que foi obtida, como também identificar que outros sentidos ainda podem receber e acrescentar essas outras definições.

3. ANÁLISES E RESULTADOS DA PESQUISA

Um dos propósitos da pesquisa-ação é atuar na relação entre conhecimento e ação através de práticas de intervenções desenvolvidas a partir de uma situação investigada, de modo que possam contribuir para que determinadas fatos possam ser investigados e assim provocar um melhor desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

É necessário, pois, que sejam expostas quais pressuposições resultaram da execução das atividades propostas na Sequência Didática para o desenvolvimento deste trabalho. Desta feita, após a realização das atividades intervencionistas, apresentamos as análises e as discursões a partir das produções que foram praticadas em nossa pesquisa.

Há algum tempo, percebemos que há uma necessidade de um ensino que além de ensinar regras e priorizar a gramática normativa, buscasse uma prática em que a variação linguística também fosse posta em discussão. Essa falta de ações que contemplassem um processo de conscientização e de ensino condizente com a realidade dos alunos motivaram esta pesquisa. É preciso, então, que um ensino voltado para a valorização da língua seja priorizado nas escolas, utilizando metodologias que contemplem estudos sobre o uso da língua de modo adequado é essencial para a prática docente.

Além disso, valorizar a linguagem dos alunos e das pessoas com as quais eles convivem, traz uma oportunidade para que as diferenças e as variações ocorridas na nossa língua sejam respeitadas. Por vezes, isso já gerou á que o preconceito com a própria linguagem e a impressão de que “não sabiam português” sempre prevaleciam em nossas discussões e atividades de língua portuguesa.

3.1. Módulo 1

Em um primeiro momento, foram entregues cópias com uma seleção de tirinhas do personagem Chico Bento, que logo de início já houve uma grande aceitação por parte dos alunos, pois a maioria declarou que gostava daquele “tipo de texto”. Uma das razões que colocaram foram os fatos de serem textos curtos e que geralmente geram humor.

Dando prosseguimento, foram relatando os personagens que mais gostavam e onde geralmente encontravam para ler, entre eles os lugares citados foram: o livro didático, páginas da internet, memes, os gibis e também revistas.

Após realizarem uma leitura atenciosa, conversamos sobre o enredo, e nesse momento também expressaram a dificuldade que possuem em entendê-las, ou seja, muitas vezes leem, mas não compreendem o propósito comunicativo da tirinha. Logo em seguida, abordarmos também as características dos tipos de textos e sequências textuais que já havíamos estudado durante as aulas.

Diante disso, confrontamos as semelhanças que havia entre a tirinha e a charge, que na época estávamos explorando suas características no livro didático deles. Retomamos alguns conhecimentos sobre os tipos de balões presentes nas tirinhas, bem como outros recursos composicionais delas, os temas e as marcas linguísticas.

Diante das participações dos alunos foi possível observar que já eram familiarizados com o gênero, alguns inclusive indicaram algumas tirinhas de personagens que gostavam de ler, entre eles o Calvin e o Haroldo; Hagar; Recruta Zero, também algumas versões que ganharam uma nova roupagem, é o caso da Turma da Mônica Jovem, onde os personagens já tradicionais das HQs já não são mais crianças e sim adolescentes.

Esse interesse se justifica pelo fato de se identificarem com os enredos das situações próximas das quais eles vivem, ocasionando assim um momento bastante participativo.

3.2. Módulo 2

Para a realização do segundo momento, a proposta foi desenvolvida através de atividades que proporcionassem um reconhecimento a respeito da diversidade linguística, de modo que pudessem examinar o que poderia influenciar esse fenômeno, e a partir disso oportunizar aos alunos situações para que refletissem sobre esses usos e posteriormente colocar em prática situações para que os mesmos adaptassem a linguagem deles em situações divergentes.

Foram entregues aos alunos cópias de algumas tirinhas do personagem Chico Bento, solicitei que fizessem a leitura do material e observassem os recursos utilizados em sua composição.

Após este primeiro momento, propus que analisassem a linguagem do personagem e procurassem identificar alguma expressão que a partir da visão deles estaria fora dos padrões considerados corretos da língua.

À princípio, relataram que embora o texto fosse curto, a tirinha “dava trabalho” para entender e que muitas vezes tinham dificuldade em relacionar o enredo aos outros recursos presentes nela.



Figura 1 – Atividade de análise linguística

Fonte: <http://gustavoinfol.blogspot.com/2013/09/quadrinhos-do-chico-bento-proibido.html>

Nessa primeira tirinha, de imediato não detectaram nenhum desvio, e sim uma expressão que estava gramaticalmente correta, tratava-se do texto escrito na placa do primeiro quadrinho, já que sintaticamente está bem escrita e adequada à situação, o que gerou estranheza aos alunos, devido estar em um contexto onde a maioria da linguagem é considerada errada.

Já no terceiro quadrinho, destacaram alguns pontos relevantes para a nossa discussão, pois as expressões “mais”, “eu num” e “goiabera” foram reconhecidas como fora da norma-padrão, mas logo os alunos justificaram que para eles esses termos não eram errados, principalmente porque ninguém seria capaz de não compreender o que havia escrito ali.

Em relação aos termos destacados, um deles causou discussão, uma vez que é um fato bastante comum na oralidade e até mesmo na escrita, tratava-se da troca da conjunção adversativa “mas” pelo termo “mais” que é empregado para indicar adição, segundo os alunos esta situação é bastante comum pelos usuários de redes sociais.

De acordo com Bagno (2014), a diferença que há entre ambas são caprichos da ortografia buscando mecanismos para diferenciar determinadas palavras em sua escrita. Não obstante, esses recursos em sua maioria nem sempre causam efeito, pois mesmo assim as pessoas ainda confundem.

Prosseguindo as análises, ainda argumentaram que no dia-a-dia deles comumente tais palavras são utilizadas naturalmente independentes de quem as falam, e que este uso é justificado pelo modo informal e corriqueiro do cotidiano das pessoas, além disso falar daquele modo não torna visível se alguém desconhece como as palavras são escritas de fato.

Em relação à expressão “num”, os alunos afirmaram que a linguagem é mais fácil de ser pronunciada e que isso não causa nenhum prejuízo à língua, assim como se essas expressões fossem transcritas de acordo com o modo como algumas pessoas da zona urbana fariam, também poderiam se deparar com a mesma situação presente na tirinha em estudo.

Logo, esta pronúncia tem uma explicação para que seja tão empregada no nosso cotidiano, pois segundo Bagno (2013, p. 84) “a palavra *não*, quando antecede os verbos, tende a ser pronunciada como uma partícula *átônica*, não acentuada, quase um *clique nasal*, e isso nos leva a reduzir o ditongo nasal [ãũ] à vogal [ũ].” (grifos do autor)

Outro fato que gerou discussão foi o termo “*goiabera*” presente no último quadrinho, pois os alunos nunca haviam despertado para esse fenômeno que habitualmente está presente em nossas falas, independente dos seus falantes e principalmente do contexto em que estejam, pois logo perceberam a presença dessa mesma pronúncia em outras palavras, como: “*cadêra*”, “*fêra*”, “*geladêra*”, “*cabecêra*”, “*ciumêra*”, “*quêjo*”, “*pêxe*”, entre outros.

A esse respeito, Bagno (2013) esclarece que esse tipo de grafia é comum ser presente na fala de todos os brasileiros, independentemente da localidade que sejam, pois representa um traço gradual, além disso por esse motivo muitas vezes nos designamos como “*brasileiros*”, como também justifica o fato de ser tão frequente na música popular ocorrerem rimas com as palavras “*desejo*” e “*beijo*”.

Dando prosseguimento às discussões, propusemos um debate para que expressassem diante do conhecimento deles o que poderia influenciar a nossa língua para que tantas peculiaridades pudessem existir em nossa língua.

A maioria respondeu que grande parte dessas diferenças se dá pelo lugar onde se vive e outros mencionaram que o convívio com diversas pessoas também influi bastante no modo de falar, também citaram casos de familiares e conhecidos em contextos diferentes deles que possuem distinções na linguagem empregada.

Presumimos que isso é um fato intrínseco da nossa língua, pois somos influenciados diretamente pela língua ao passo que a influenciemos do mesmo modo, ocasionando deste modo mudanças em nossa língua, embora isso não ocasione transformações do ponto de vista negativo.

Sobre isso, Scherre (2005) expõe que pela experiência que possui com a língua falada e que independentemente de estar direcionada à norma padrão ou não, as mudanças que existem na língua são predominantemente provocadas pelos grupos sociais com os quais convivemos e interagimos, pois sentimos a necessidade de nos assemelharmos com o grupo que convivemos. Como vimos, a nossa convivência e o modo como interagimos influi diretamente no modo com o qual falamos.

Já ao analisar a segunda tirinha, uma cena com apenas dois quadrinhos, cujo enredo é construído em torno de um diálogo entre Chico Bento e a sua professora.



Figura 2 – Atividade de análise linguística

Fonte: <https://wordsofleisure.com/2012/11/17/tirinha-do-dia-chico-bento-e-as-maravilhas-do-mundo/>

No primeiro quadrinho, alguns alunos relataram que não havia desvio da língua e justificaram que isso pode ter ocorrido por se tratar da fala de uma professora, o que configuraria mal, já outros consideraram estranho o caso da professora não ter a mesma linguagem que os seus alunos.

Seguidamente, observaram que o verbo “tirá” não estava conjugado de maneira correta, mas ao mesmo tempo deduziram que a escrita estava representando a fala, e isso ocorria com outros falantes. A partir dessa percepção, se posicionaram em defesa da linguagem do personagem, alegando que a única diferença entre o modo de falar da professora e do personagem é que a primeira está de acordo com a norma padrão, considerada assim pela gramática e a do Chico, não. Mas que isso não impede a compreensão nem tampouco deveria ser estigmatizada como uma linguagem característica de pessoas da roça ou de pouca ou nenhuma escolarização.

Sobre essa análise feita pelos alunos, Bagno (2013) também demonstra que embora essa grafia busque representar uma fala caipira, do mesmo modo pode simbolizar a fala de qualquer brasileiro, independente do lugar e da posição social a que pertença, pois a eliminação do -r em final de verbos no infinitivo, por exemplo, também é considerado um traço observado na maioria dos falantes da língua, salvo em situações mais formais em que seja exigido um maior grau de monitoramento, haja vista a necessidade de uma adequação vocabular.

Partindo do pressuposto de que a nossa língua sofre variações devido a alguns fatores e que permite que a monitoremos de acordo com a situação comunicativa, solicitei uma produção textual, a qual trazia duas propostas em que teriam que produzir diálogos.

Abaixo, seguem as duas situações:

1ª atividade: Suponha que você, sendo nordestino, 18 anos, com Ensino Médio incompleto, morador da zona rural, pleiteia uma vaga numa empresa de cosméticos em São Paulo. Como se expressaria diante do entrevistador, por sinal, muito exigente com o uso formal da língua. Elabore um diálogo entre ambos. Deixe clara as noções de variação e do preconceito linguístico.

2ª atividade: Como se expressaria um idoso, analfabeto e com dores nas costas diante de um médico ortopedista? Elabore a consulta num grau de aceitação por parte do médico tendo em vista as expressões usadas pelo seu paciente.

Inicialmente os alunos foram levados a refletir acerca de ambas propostas para que examinassem qual a linguagem mais adequada para a construção dos textos, considerando a situação comunicativa envolvida.

Outra questão levantada com os alunos, foi o porquê da escolha dessas situações expostas, uma vez que trata-se de uma situação comum das pessoas, além disso, o fato de trazer atividades que envolvam a variação linguística na produção textual é importante para que percebam que esse fenômeno é algo presente em nossas vidas e que é preciso saber lidar para que não haja uma desvalorização da língua.

De acordo com Galarza (2015) a prática de trabalhos que permitem o conhecimento sobre algum tema a partir da diversidade de gêneros e do estudo da língua a partir de contextos variados, permite ao aluno a percepção de que existe relação de sentido entre as atividades escolares e a vida deles. Logo, é necessário colocar o aluno diante de situações discursivas próximas da realidade deles, para que ele escreva com um propósito definido e compreenda a função social do gênero em estudo.

Embora haja na proposta uma observação quanto o uso da norma-padrão, e mesmo os sendo capacitados para adequarem a sua linguagem, os alunos argumentaram sobre o fato e falaram que iriam se expressar de modo não tão monitorado, ou seja, como as mesmas marcas em que faz uso em seu dia a dia, mas de maneira que pudesse ser bem compreendido na situação indicada. Assim, os alunos iniciaram a produção e à medida que foram planejando como seria a escrita do diálogo, muitos resolveram não seguir completamente as orientações da atividade, já que nela mencionava a exigência do interlocutor com o uso formal da língua.

1ª Produção

Suponha que você, sendo nordestino, 18 anos, com Ensino Médio incompleto, morador da zona rural, pleiteia uma vaga numa empresa de cosméticos em São Paulo. Como se expressaria diante do entrevistador, por sinal, muito exigente com o uso formal da língua. Elabore um diálogo entre ambos. Deixe claras as noções de variação e do preconceito linguístico.

Entrevistador: - Bom dia, como é seu nome?

Eu: - Bom dia, Amo Nayara

Entrevistador: - você está disposta a fazer de tudo neste emprego?

Eu: - Sim, gosto muito de trabalhar, tô disposta a fazer tudo.

Entrevistador: - Me fale até que nível você estudou?

Eu: - Se foi até a 5ª série

Entrevistador: - O que lhe fez querer uma vaga nessa empresa?

Eu: - Preciso de dinheiro para dar de comer nos meus filhos.

Entrevistador: - O que você espera desse emprego?

Eu: - Que eu me dê bem.

Figura 3 – Proposta textual – 1ª atividade

Fonte: Produção nossa

No diálogo acima, percebemos uma linguagem com marcas de variações, redução comum de expressão, por exemplo “tô”, também foram usados termos como “inté”, “trabaiar”, “bum”. É possível identificar na escrita que o aluno optou por produzir um texto bem marcado por expressões típicas de uma variedade estigmatizada, considerada uma linguagem desprestigiada, embora a proposta deixasse clara que o interlocutor se tratava de alguém exigente com o uso formal da língua.

Entretanto, este aluno argumentou que mesmo diante dessa exigência, o interlocutor não iria usar a linguagem tão marcada pelo uso formal da língua, pois a sua intenção era viabilizar que mesmo com traços linguísticos fora dos padrões da língua, poderia concorrer a vaga de emprego proposta no texto, ou seja, que mesmo diante das suas limitações, teria condições de concorrê-la.

A partir dessa colocação, é possível compreender a visão que este aluno obteve em relação a língua, pois quis tornar claro que a linguagem que usamos em nosso cotidiano não evidencia as nossas habilidades profissionais, embora tenham consciência de que há uma necessidade de serem capazes de se comunicarem adequadamente nos contextos da formalidade.

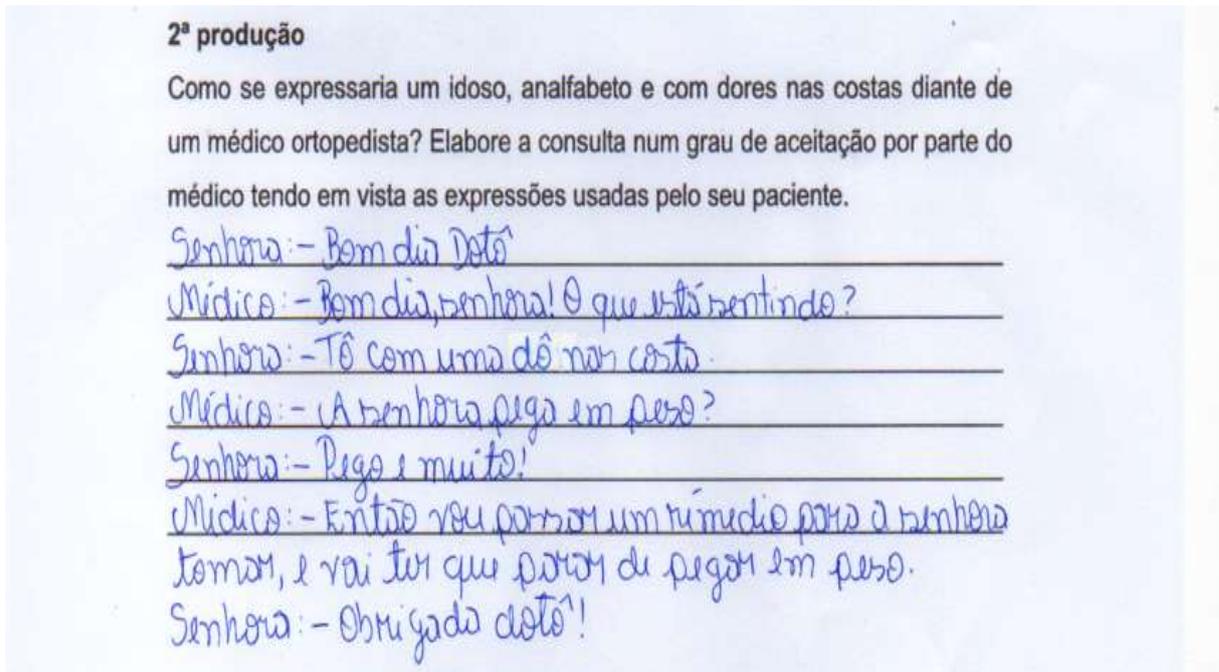


Figura 4 – Proposta textual – 2ª atividade

Fonte: Produção nossa

Na segunda produção textual, percebemos que o aluno optou por produzir um diálogo que atendesse a situação comunicativa através de uma linguagem mais simples e adequada. Notamos que a expressão “dotô” escolhida para o diálogo é remetida não apenas a uma pessoa analfabeta como é descrita na proposta, mas a um grande número de falantes, independente do grupo aos quais pertençam.

Desse modo, o diálogo entre médico e paciente produzido na atividade foi escrito favoravelmente para que pudéssemos compreender que a necessidade de adaptar a linguagem para que possa ser compreendida, sobressai em relação a opção de uma escrita totalmente voltada para a norma-padrão da língua.

3.3. Módulo 3

Neste terceiro momento da aplicação das atividades da sequência didática, sugerimos investigar a partir de outros textos, na oportunidade utilizamos a letra de música, já que é bastante popular principalmente pelos alunos, para que investigássemos a incidência de termos que poderiam ser resultantes da variação linguística, assim como a linguagem em estudo na tirinha.

Para isso, utilizamos cinco letras de músicas de gêneros e artistas distintos, a fim de que pudéssemos também analisar o preconceito com determinadas letras de músicas e seus respectivos compositores/intérpretes. Isso é comum que haja discriminação com algumas músicas devido a linguagem utilizada.

Partindo dessa ideia, propomos uma discussão sobre os níveis de linguagens e os casos de variações linguísticas presentes nos textos e comparar com a linguagem utilizada nas tirinhas em estudo.

Primeiramente, a turma foi dividida em cinco grupos, após foram entregues os materiais impressos com as seguintes letras de músicas:

- 1º grupo: Notificação preferida – Zé Neto e Cristiano (Gênero Música Sertaneja);
- 2º grupo: Zé da Recaída – Gustavo Lima (Gênero Música Sertaneja);
- 3º grupo: Beijo com trap – Hungria (Gênero Hip Hop);
- 4º grupo: Asa Branca – Luiz Gonzaga (Gênero Forró);
- 5º grupo: Beija eu – Marisa Monte (Gênero MPB);

A princípio cada grupo fez a leitura do texto e através de uma conversa informal fizemos as primeiras impressões sobre cada música, como: se já conheciam; o gosto por aquela música, entre outros pontos comentados, assim como foram executadas e apreciadas pelos alunos em sala.

Após esse momento, os alunos foram solicitados a identificarem em cada texto do seu grupo as expressões que consideravam ser variações da nossa língua, como também aquelas que possuíam termos variantes.

Iniciamos nossas discussões a partir das impressões dadas pelos alunos sobre a letra a seguir:

Notificação Preferida (Zé Neto e Cristiano)

Já doeu

Mas hoje não dói mais

Tanto fiz

Que agora tanto faz

O nosso amor calejou

Apanhou, apanhou que cansou

Na minha cama 'cê fez tanta falta

Que o meu coração te expulsou

Não tem mais eu e você
 'Tá facin de entender
 Você me deu aula de como aprender te esquecer
 Foi, mas não é mais a minha notificação preferida
 Já foi, mas não é mais a número um da minha vida
 Sinto em te dizer
 Mas eu já superei você
 O nosso amor calejou
 Apanhou, apanhou que cansou
 Na minha cama 'cê fez tanta falta
 Que o meu coração te expulsou
 Não tem mais eu e você
 'Tá facin de entender
 Você me deu aula de como aprender te esquecer
 Foi, mas...

O primeiro grupo destacou as seguintes palavras: “tá”; “cê”; “facin”; “calejou”. As primeiras observações pontuadas por eles foram que as expressões destacadas coincidiam com as mesmas analisadas na tirinha, como também faladas por eles. Logo expressaram a opinião que estes casos poderiam ocorrer em outros textos, independentemente da situação comunicativa. Por fim, a palavra “calejou” surpreendeu a sua aparição na música, pois acreditavam que era um regionalismo bem peculiar apenas da região deles. Ainda relataram que no entendimento significava algo que já dito ou insistido muito.

A segunda música analisada também pertence ao gênero sertanejo:

Zé da Recaída (Gusttavo Lima)

Atende ai bebê! Fala comigo!
 Tô a mais de duas horas
 Ensaando uma recaída
 Número já tá na tela
 É só apertar o verde que liga
 Me vê uma dose pra mudar minha vida
 Da melhor que você tem
 Pra ver se com inspiração em Old Parr ela vem

O empurrãozinho que falta ai ai ai
 Pra completar essa chamada, ah... Atende aí
 O Zé da recaída tá ligando aí
 Eu não tô nem aí
 Se salvou meu nome assim
 O importante é que ao vivo cê me chama de benzim
 Atende aí
 O Zé da recaída tá ligando aí
 Eu não tô nem aí
 Se salvou meu nome assim
 O importante é que ao vivo cê me chama de benzim
 Ai bebê, embaixador falando de amor! Mais uma vez
 Me vê uma dose pra mudar minha vida
 Da melhor que você tem
 Pra ver se com inspiração em Old Parr ela vem
 O empurrãozinho que falta ai ai ai
 Pra completar...

Dando prosseguimento, o segundo grupo destacou as expressões: “tô”; “tá”; “cê” e “benzim”, a partir delas se posicionaram argumentando que a maioria das músicas que as pessoas gostavam, o motivo poderia ser a linguagem próxima da realidade de cada um. Então, facilitava a compreensão e a própria identificação com a música.

Sobre o uso da palavra “benzim”, justificaram que o propósito dela está escrita dessa maneira seria para expressar carinho, ainda reforçaram que na oralidade é comum ser falada da mesma forma como foi escrita.

A seguir, a letra da música “Beijo com Trap”, como é exposta abaixo, foi colocada em discussão pelo terceiro grupo.

Beijo Com Trap (Hungria Hip Hop)

Mano, não tem como explicar
 Tipo, bateu mó sintonia sabe
 Bagulho louco,
 treinado né galã Cheguei daquele jeito, entendeu Interessante!"
 Joguei logo o melhor kit o melhor

Hum, joguei sujo de novo
 Já cantei um bit olhando no olho
 Provei que a fumaça é resposta do fogo
 Mais se você for fogo, eu posso ser fumaça
 Somos parte de um, divididos em brasa
 Componentes diferentes numa mesma solução, não são, não dá pra ver
 Se seu beijo é em vão sua mão não são não dá pra perceber
 Me acho imortal toda vez que me encontro ao teu lado só, só não
 Do teu lado eu não tô só, me diz qual que é do B.O
 É trap com beijo, beijo com trap
 Nós na sacada do décimo oitavo
 É beijo com trap, trap com beijo
 Quer ganhar o mundo de moto ou de carro
 Hoje eu quero andar de Lamborghini,
 liga pro...

Essa letra foi bastante comentada. O motivo é que o *hip hop* é bastante conhecido pela maioria dos jovens, uma vez que sempre busca retratar a realidade das classes menos favorecidas. Assim como possui uma linguagem bem simples, geralmente com a marcação de gírias, as quais foram as primeiras a serem destacadas pelos alunos, como: “mano”, “tipo”, “bagulho louco”, “mó”.

Todas elas foram consideradas comuns para eles e deram exemplos de algumas situações que as usavam. Durante a explanação, foi relatado por um aluno que algumas delas não eram comuns serem faladas por grande parte dos jovens, já que era um termo geralmente usado para designar drogas, embora na música a expressão possuía outro significado: algo que aconteceu inesperado ou que surpreendeu.

Além das gírias, destacaram frases que possuíam em sua constituição alguns desvios sintáticos, é o caso da oração: “Ganhamo de novo, né?”, nela os alunos fizeram uma observação sobre a concordância verbal mal empregada, mas ao mesmo tempo relataram que embora haja esse problema, é comum ser usado por alguns falantes, geralmente quando a fala é corriqueira. Ainda defenderam que embora a escrita tenha surgido grafada dessa maneira, não representa a falta de

desconhecimento do autor da música, assim como em algumas passagens das tirinhas do Chico Bento.

Já o quarto grupo analisou a música Asa Branca:

Asa Branca - Luiz Gonzaga

Quando oiei a terra ardendo
 Qual fogueira de São João
 Eu perguntei a Deus do céu, ai
 Por que tamanha judiação
 Eu perguntei a Deus do céu, ai
 Por que tamanha judiação
 Quando oiei a terra ardendo
 Qual fogueira de São João
 Eu perguntei a Deus do céu, ai
 Por que tamanha judiação
 Eu perguntei a Deus do céu, ai
 Por que tamanha judiação
 Que braseiro, que fornaia
 Nem um pé de prantação
 Por falta d'água perdi meu gado
 Morreu de sede meu alazão
 Por farta d'água perdi meu gado
 Morreu de sede meu alazão
 Inté mesmo a asa branca
 Bateu asas do sertão
 Entonce eu disse, adeus Rosinha
 Guarda contigo meu coração
 Entonce eu disse, adeus Rosinha
 Guarda contigo meu coração
 Hoje longe, muitas légua
 Numa triste...

Na ocasião, o grupo sentiu-se bastante familiarizado com a linguagem, alguns relataram que ela representa a imagem da nossa região e que por vezes sofria muito

preconceito diante da linguagem apresentada. Isso ocasionou muitas críticas, assim como a linguagem do personagem em estudo, por exemplo.

Ainda explicaram que isso se deve pelo uso de uma linguagem simples e marcada por um sotaque bem característico, também ressaltaram que se a letra não fosse escrita da maneira como conhecemos, ocorreria a perda da identidade dela.

Em discussão, os alunos mencionaram que a linguagem contida nas tirinhas selecionadas era mais próxima da vivência deles.

Por esse motivo, a escrita de algumas palavras na letra da música “Asa branca” causava maior estranheza na visão deles, pois não era tão comum se depararem com determinadas expressões, embora soubessem que muitas dessas passagens são propagadas como uma linguagem específica de pessoas do sertão. Do mesmo modo como o Chico Bento representa para muitos um estereótipo de língua errada e sem nenhum prestígio. Sobre isso, Antunes (2017, p. 109) reconhece que

A exploração que é feita, por vezes, da figura de Chico Bento ainda se presta a outras impropriedades. Concretamente, esse rapaz é apresentado – numa caracterização visivelmente precária – como um protótipo do homem do campo, “lídimio representante da roça”. Com isso, se cria (ou reforça!) uma representação infiel das pessoas que vivem no campo.

Isso é recorrente não apenas na linguagem do personagem, mas os seus costumes e características, de modo que tudo aquilo ele faça é remetido à roça e a uma classe menos prestigiada por parte da sociedade.

Ainda sobre as percepções, também serviram de destaque o uso do pronome oblíquo “mim” ao invés do uso do “me”, e declararam que é um fato recorrente na língua portuguesa, independentemente da situação comunicativa ou do gênero textual.

Pondo fim as discussões com as letras de músicas, o quinto grupo fez algumas colocações com a música “Beija eu”.

Beija eu (Marisa Monte)

Seja eu

Seja eu

Deixa que eu seja eu

E aceita

O que seja seu

Então deita e aceita eu

Molha eu
 Seca eu
 Deixa que eu seja o céu
 E receba
 O que seja seu
 Anoiteça e amanheça eu

Beija eu
 Beija eu
 Beija eu, me beija
 Deixa
 O que seja ser

Então beba e receba
 Meu corpo no seu corpo
 Eu no meu corpo
 Deixa
 Eu me deixo
 Anoiteça e amanheça

Seja eu
 Seja eu
 Deixa que eu seja eu
 E aceita
 O que seja seu
 Então deita e aceita eu

Molha eu
 Seca eu
 Deixa que eu seja o céu
 E receba
 O que...

A escolha dessa música causou estranheza em grande parte da turma, já que para eles as músicas que fazem parte da MPB possuem uma linguagem mais cuidadosa.

Sendo assim, não esperavam que ela fosse objeto de análise, pois é comumente encontrado nos livros didáticos, por exemplo, trechos de autores consagrados da literatura portuguesa e brasileira e trechos de músicas da MPB como exemplos do bom uso da língua correta.

Para argumentar sobre essa percepção, os alunos questionaram o porquê das músicas da MPB serem mais exploradas como exemplos de bom uso da língua, enquanto o gênero forró, um dos preferidos por eles não são analisados como bons exemplo. E ao contrário disso, são alvos de críticas como: não têm letras construtivas, denigre pessoas, usam muitas gírias e palavras de baixo-calão.

Enquanto isso, as tirinhas do Chico Bento sofrem críticas, pois são mais utilizadas como respaldo em atividades e exemplos do mau uso da língua, através de propostas com teor preconceituoso.

Então, retiraram alguns versos, como “seja eu”; “beija eu” e consideraram que havia uma inversão do pronome “eu” em várias passagens da música, mas que foram postas com a intenção apenas de expressar poesia através de uma linguagem subjetiva, e que não havia nenhuma preocupação com a norma-padrão da língua, também acrescentaram exemplos da música Inútil (Ultraje a Rigor) que continha no livro didático deles.

Embora esses desvios da língua não fossem tão comentados e apontados pela maioria das pessoas, supostamente por representarem uma camada de falantes com mais prestígio social.

Após as exposições de cada grupo em torno das percepções de seus textos, os alunos demonstraram entendimento sobre as intenções da maioria dos termos destacados nas apresentações. Através de uma conversa informal puderam aleatoriamente comentar sobre o preconceito que existe com a informalidade da língua, independente do gênero textual. Porém, também expuseram que todos os textos podem ser passíveis às variações linguísticas, e que isso não torna nenhum texto melhor ou pior, mas cada um com os seus valores linguísticos.

3.4. Módulo 4

Para o desenvolvimento deste quarto momento, partimos do pressuposto de que as variações linguísticas poderiam surgir em diferentes situações comunicativas vividas pelos alunos, além disso que o contexto em que se encontram também influenciam diretamente para essas diversidades da língua.

Outrossim, é preciso reforçar a ideia dessa heterogeneidade da língua portuguesa, e dessa maneira evidenciá-la como uma identidade cultural de cada um.

É preciso que seja compreendido que a variação linguística não é um fenômeno intrínseco de falantes não escolarizados ou oriundos da zona rural.

Bagno (2007) ainda corrobora essa ideia, pois de acordo com a sua percepção os termos variáveis não dão indícios a ninguém de que isso só ocorre na língua de falantes pertencentes à zona rural, logo essa proposição leva a crer que a variação também poderá ocorrer em falantes ditos “cultos”, embora se considerem os detentores de uma língua mais certa que outrem.

Por conseguinte, é frequentemente notada a presença recorrente de tirinhas do Chico Bento em materiais para fins de ensino, principalmente em livros didáticos, com o intuito de tratar a variação como um fenômeno inerente de “caipiras” e “matutos”.

Através desta atividade, também propusemos um reconhecimento e valorização do regionalismo que é tão evidente em nossa língua, e com isso intensificar o valor e a riqueza que o vocabulário de cada um pode conter.

Em um primeiro momento, lançamos uma conversa sobre o gênero verbete, como: qual a função do gênero; em quais suportes geralmente podemos encontrá-lo; se os alunos possuíam algum hábito em consultar algum vocábulo em seu dia a dia e se havia alguma dificuldade em consultá-lo ou compreendê-lo.

Após esse momento, averiguamos que a grande parte daqueles alunos possuíam muitas dúvidas em relação ao gênero, supomos que esse fato se dê pela pouca familiaridade que geralmente os alunos possuem com ele. Em sua maioria ocorre devido à pouca utilização desse gênero nas aulas, principalmente de língua portuguesa, além do mais, alguns nunca haviam consultado um verbete, seja em dicionários ou outros suportes.

Embora soubessem da importância que os dicionários possuem para que haja uma melhor compreensão sobre o que leem, como também para auxiliar no momento da escrita. Também demonstraram algumas dúvidas em compreender como alguns organizavam as informações sobre determinadas expressões.

O propósito para esta atividade não é remetido tão somente a este gênero, entretanto foi oportuno abordar alguns aspectos sobre a sua organização e funcionalidade para que no decorrer da proposta os objetivos também pudessem ser obtidos.

Dando seguimento às atividades, a turma foi dividida em grupos e foi apresentada a proposta da elaboração do pequeno glossário com alguns verbetes com expressões do seu cotidiano, mesmo que elas não fizessem parte do seu vocabulário, e que em um momento posterior iríamos relacioná-las à algumas sentenças que foram destacadas nas tirinhas em análises.

Para essa produção, foram entregues um material organizado com três colunas, para que fossem colocadas as variantes, ou seja, como esse vocábulo era conhecido por eles, e assim, escrevessem a palavra do mesmo modo como a pronunciavam, em seguida, a qual verbete o vocábulo se remetia e por fim, qual o significado desse termo para eles.

Apesar dos alunos terem sido orientados em relação a organização dos verbetes, não tiveram preocupação em colocá-los em ordem alfabética, embora soubessem que isso facilitaria uma possível pesquisa por algum termo em outro momento. Ademais, a linguagem utilizada foi com um grau de monitoramento bem menor, de modo que percebemos que a forma a qual foram escritas representam a linguagem deles na informalidade. Através dos trechos que serão expostos aqui será possível constatar que trata-se de uma reprodução fiel à escrita deles.

Entre os glossários, alguns deles apresentaram expressões que não eram variações linguísticas, mas outros fenômenos, como o internetês, por exemplo, além de bastantes gírias e regionalismos. Dentre as variações que foram organizadas na produção, percebemos que a maioria delas são variações semânticas e estilo-pragmáticas. Como nos exemplos abaixo:

PARROTE	BMER	AGREDIR FISTICAMENTE
PINGUÇO	ALCOBIA PA	ALGUM QUE BEBE DEMAIS
DESTRAMBELADO	DESENVANADO	ATRAPALHADO
VARIEZADA	VARIEZADA	ESPORTES TIPO O NORDESTE
COND	môeda	MEDAS DE UM PAIS
água que passarim	Aguardente	bebida alcolica
Dragão	Pessoa feia	Apelidos de escola

Figura 5 – Glossário das variantes

Fonte: Produção nossa

Durante o compartilhamento das produções, algumas expressões escritas pelos alunos eram desconhecidas por outros, isso ocasionou estranheza a eles, pois não haviam pensado na hipótese de que entre eles mesmos poderia haver variações nas palavras.

Após a exposição dos trabalhos, selecionamos alguns deles para que pudéssemos examinar de forma mais minuciosa, para que confrontássemos com determinados vocábulos destacados pelos alunos na tirinha seguinte.



Figura 6 – Análise linguística

Fonte: <http://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2015/07/tirinha-n-28-chico-bento.html>

Para a discussão, os alunos escolheram confrontar algumas palavras desta tira com alguns verbetes escritos na atividade realizada:

Glossário das Variantes		
VARIANTE	VERBETE	SIGNIFICADO
vamos	vamos	Chamar alguém para fazer algo.
indo	indo	Está saindo de algum lugar.
ocê	ocê	Pronome de tratamento.
ou	ou	Pensamento de dúvida.
inim	inim	Cercandância.
falamu	falando	Se usa quando pronunciamos "estou falando".
arratua	arratua	Quando estamos insultando.
arratua	arratua	Ajuda uma pessoa a alguma coisa.

Figura 7 – Glossário das variantes

Fonte: Produção nossa

Inicialmente fizeram uma observação nestas falas: “I ocê num apareceu!”; “Ocê falou qui quiria encontrar [...]”, “I daí?”. Segundo os alunos, essa pronúncia é bastante comum ser usada na oralidade, o que não tornaria uma forma própria do falante da zona rural.

Ainda relataram que a expressão “ocê” era bem recorrente nos últimos textos, citando a letra de música (já analisada) como exemplo, assim como nos verbetes.

No decorrer do debate, determinado aluno complementou argumentando que a redução do pronome de tratamento “você” para “cê” ou “ocê” destacados na tirinha, como já fora comentado, não remetia a nenhum exemplo de falta de conhecimento da língua, mas uma forma corriqueira muito utilizada por qualquer falantes, independente de morar na zona rural ou urbana, ser escolarizado ou não.

Ademais, Bortoni-Ricardo (2004) ainda esclarece que essas formas também são bastante usadas em modos de falar ou escrever não monitorados. Para elucidar o seu pensamento, cita em sua obra trechos de canções de grandes compositores da Música Popular Brasileira, como Gilberto Gil, Elba Ramalho, entre outros.

Já em Bagno (2013), é possível encontramos essa mesma percepção, pois segundo o autor, pessoas com alto grau de escolarização e mesmo sem nenhuma ligação com o meio rural pode apresentar esse tipo de variação em sua língua. Ainda evidencia que não podemos remeter variação linguística apenas às variações regionais, ocasionando assim estereótipos de uma linguagem de prestígio e não prestígio.

Assim, é possível percebermos que há outras características da linguagem do Chico Bento que também podem fazer parte da fala de muitos brasileiros.

Observando a fala do personagem Chico Bento (figura 6) no segundo quadrinho: “Ocê falô qui quiria si incontrá cumigo às dizoito hora!”, os alunos comentaram que essa escrita foi uma tentativa de representar de maneira próxima um personagem que vive na roça, e para isso o diálogo foi escrito igual a fala deles. Assim como a produção do glossário, que buscaram representar na escrita dos verbetes segundo a pronúncia no dia a dia deles, apesar de que não a utilizam em todas as situações da fala.

Ainda na fala desse quadrinho, percebemos que expressões como: “às dizoito hora” e “vamo” (Figura 7) possuem a mesma variação em torno da concordância de número. Isso evidencia que embora sejam contextos e situações comunicativas distintas, ambas estão representando a modalidade oral de forma não monitorada. Comumente nos deparamos com a correlação entre uma má concordância nominal ou verbal a pessoas com classes sociais de menor prestígio na escala social.

Isto posto, Scherre (2005, p. 129) aponta que “já sabemos que, neste terreno, os estereótipos são múltiplos. Se um falante brasileiro não faz todas as concordâncias, considera-se que ele está falando errado, que não sabe português e, por falsa consequência, que não sabe pensar”.

Nota-se, portanto, que é comum em uma linguagem popular na modalidade oral ocorrer falas em que o verbo não concorda com o sujeito. Dessa forma, uma concordância verbal ou nominal com variações não é indicativa exclusiva de uma variedade proveniente da zona rural, nem tampouco de falantes com baixa escolarização.

Glossário das Variantes		
VARIANTE	VERBETE	SIGNIFICADO
Vamo	Vamos	Chamar, conjuntiva
Cê	Você	Pronome de tratamento
Facim	Facinho	Diminutivo da palavra "pão"
Tamoí	Estamos	
Gambambo	Gambomes	
Mano	Timão	Familiar
Tá	Está	
Indo	Indo	
Tô	Estou	
Pisa	Esquema	Aparição
Armaria	Armaria	
Auxado	Apreendido	Com prazer
Cemá	Cemem	
Chei	Cheio	

Figura 8 – Glossário das variantes

Fonte: Produção nossa

Ao examinarmos o trabalho representado na Figura 8, percebemos a reincidência de alguns termos já destacados anteriormente, porém há a presença de expressões regionalistas, como: “pisa”, inesperadamente o verbete e o significado desse termo posto na atividade também pode ser considerado uma variante, uma vez que são palavras que retomam à mesma ação ditas por alguns falantes.

Bagno (2013) expõe que normas linguísticas variam tanto de uma cultura para outra, como também dentro dela mesma, devido a épocas diferentes, assim como de uma mesma situação para outra, sem que haja nenhum ensinamento para isso. Segundo ele, as mudanças fluem de acordo com os avanços, com as mudanças no comportamento dos seus falantes, de modo que não há como manter uma língua homogênea ao longo dos tempos.

Logo, é notório perceber a partir das discussões que os alunos possuem um pouco de entendimento sobre a importância da língua deles, entretanto não a valorizam em alguns momentos, por julgarem não fazer o bom uso dela.

Porém, diante de algumas reflexões sobre o uso da língua, partindo das observações feitas acerca dos verbetes e da análise da tirinha, puderam perceber

que é o estudo da língua que normalmente é propagado nas escolas, nem sempre condiz com a realidade dos falantes, ou seja, àquilo que a língua realmente é.

3.5. Módulo 5

Dando seguimento às atividades desta sequência didática, propusemos através de uma entrevista realizada pelos alunos em diversos campos de interação e posteriormente a produção de um relato sobre a compreensão de alguns fatores relacionados à variação linguística a partir de situações reais da língua colhidas pelos falantes convidados a participarem dessa atividade.

Analisar falas autênticas aproxima ainda mais os alunos às discussões e conseqüentemente aos principais objetivos deste trabalho, em oposição ao uso exacerbado que muitos recursos didáticos trazem utilizando como principal mecanismo de aprendizado e reflexão da língua as tirinhas do personagem Chico Bento, principalmente o livro didático, considerado um suporte de grande acesso aos alunos.

Outro fator relevante que ocasionou a elaboração deste momento foi a busca por métodos eficazes de reconhecimento e valorização da variação linguística através de atividades que fizessem os alunos perceberem que esse fenômeno faz parte do cotidiano deles, ou seja, que é possível por meio do contato direto com a língua, discutirmos fatos pertinentes da linguagem.

Isso se faz importante, pois é comum nos depararmos com atividades de caráter linguístico que busca analisar as variações linguísticas a partir da linguagem de pessoas não escolarizadas, de classes menos favorecidas e daquelas que residem ou fazem parte do meio rural.

Logo, entendemos que embora o falante seja da zona urbana, escolarizado e conhecedor das regras que ditam a língua “correta”, também possuem suas variações, embora isso muitas vezes ganhe um disfarce de “informalidade”, e assim tudo que estiver fora desse conceito seja visto como erro.

Entretanto, compreendemos que as variações estão muito além dessa perspectiva, já que atravessa os meios tão-somente linguísticos, abrangendo aspectos sociais, culturais, políticos, entre outros.

Nesta atividade empregamos os gêneros textuais entrevista e relato para que a partir dos resultados obtidos, retomássemos as principais impressões acerca dos aspectos referentes às variações linguísticas discutidas, especificamente em torno da linguagem do personagem Chico Bento em tirinhas.

À princípio, expusemos algumas informações relevantes sobre os gêneros que seriam utilizados na atividade, bem como orientações para a elaboração estrutural deles.

Para o desenvolvimento desta proposta, dividimos a turma em grupos compostos por alunos que possuíssem residências mais próximas para que as atividades de campo fossem mais viáveis.

Os alunos foram orientados para que os dados da entrevista fossem colhidos através de gravação de vídeo ou somente de áudio. E assim, optaram apenas pela gravação das vozes, pois relataram que a maioria dos entrevistados preferiram. Feito isso, transcreveram de modo fiel as falas colhidas durante a ação.

A organização dos grupos de pessoas a serem entrevistadas foi baseada nos estudos de Bagno (2007), pois, segundo o autor, alguns sociolinguísticos determinam alguns fatores que servem de base para auxiliar na compreensão de alguns fenômenos da variação linguística.

Posto isso, foram selecionados para a pesquisa grupos de pessoas mais pertinentes diante das nossas discussões para serem entrevistados, sendo dispostos em 4 quatro equipes de alunos, três delas contendo quatro integrantes e uma contendo dois. A organização se deu da seguinte maneira:

- 1º grupo: faixa etária diferente;
- 2º grupo: profissões distintas;
- 3º grupo: diferentes graus de escolarização;
- 4º grupo: diversas origens geográficas.

Depois disso, foi necessário retomar alguns conhecimentos que justificassem o motivo pelo qual esses grupos de falantes foram selecionados para serem entrevistados.

Primeiramente, é comum os alunos alegarem que convivem com pessoas de faixas etárias diferentes e iguais às deles, e que muitas vezes a linguagem de pessoas com idades diferentes às deles causa estranheza. Isso é algo bastante

recorrente, uma vez que os adolescentes e os adultos possuem particularidades próprias da sua idade.

Quanto ao mercado de trabalho, as profissões também possuem suas singularidades, visto que a maioria delas influenciam a sua linguagem, visto que há termos técnicos específicos, interlocutores e situações comunicativas distintos.

Em relação aos graus de escolarização, é possível compreender que quanto maior o nível de estudo, mais conhecimentos com os usos da língua o indivíduo poderá ter, embora aqueles que não possuam um grau maior de escolaridade ou nenhum, também possuam a competência de articular a sua linguagem para que a torne mais monitorada diante de algum evento comunicativo. Logo, de acordo com Bortoni-Ricardo (2005, p. 25)

[...] Em qualquer circunstância, porém, há pelo menos três fatores determinantes dessa seleção: os participantes da interação, o tópico da conversa e o local onde ela se processa. O falante ajusta sua linguagem, variando de um estilo informal a um estilo cerimonioso, a fim de se acomodar aos tipos específicos de situações.

Já a origem geográfica de cada falante também contribui para que a nossa língua varie, visto que os lugares diferentes influenciam diretamente não só no sotaque de cada um, mas também no campo da semântica, do léxico, entre outros.

No tocante a elaboração das perguntas, cada grupo possuiu autonomia para a elaboração das perguntas, assim como cada um decidiu os locais que iriam em busca dos seus entrevistados. A partir daí, um grupo optou por realizar entrevistas nas ruas do centro de sua cidade, enquanto os integrantes do outro preferiu realizar a tarefa em seu próprio bairro, nas proximidades de suas casas.

Iremos analisar algumas transcrições das entrevistas apresentadas pelos grupos, lamentavelmente dois deles (o terceiro e o quarto) não conseguiram realizar a atividade proposta dentro do prazo estabelecido.

A primeira equipe entrevistou três pessoas com idades diferentes em seu próprio bairro e preferiu elaborar perguntas sobre a infância deles. Cada um dos entrevistados foi identificado respectivamente por E1, E2, E3, E4, E5 e E6. Já os grupos responsáveis são identificados como G1 e G2.

O G1 realizou as entrevistas a um adolescente de 12 anos, estudante da mesma escola dos alunos entrevistadores; uma doméstica com 42 anos, com ensino

fundamental completo; e a uma bordadeira com 70 anos com o ensino fundamental incompleto. É importante salientar que todos eles são moradores da zona urbana.

Por sua vez, o G2, entrevistou duas vendedoras: E4 é universitária e tem 27 anos; E5 tem idade de 28 anos e o ensino médio completo; e E6, gari, de 37 anos, possui o ensino médio completo e pretende cursar uma faculdade.

Em um primeiro momento, cada grupo expôs suas principais impressões sobre os perfis de seus entrevistados, ambos destacaram o fato que a maioria exercia trabalhos informais, embora alguns possuísse um grau de escolaridade satisfatório.

Também levantaram discussões sobre algumas questões relativas ao competitivo mercado de trabalho e conseqüentemente o que ocasiona o desemprego.

Após isso, determinamos quais os trechos que eles gostariam de pôr em discussão e assim confrontar com algumas ideias relacionadas às tirinhas do Chico Bento em estudo.

Ao iniciarmos as discussões, os alunos defenderam a linguagem utilizada pelo personagem argumentando que ele possui uma linguagem não monitorada tal qual as pessoas que foram entrevistadas. Pois, ambos estão diante de um evento da língua o qual faz-se o uso da oralidade. E assim alegaram que a forma como o Chico e sua turma falam não provoca nenhuma má influência às pessoas, como alguns livros e opiniões retratam através dos seus preconceitos com determinadas linguagens.

Sobre isso, Bagno (2007) relata que determinados “erros” que são considerados em nossa língua há uma explicação, geralmente isso provém de tendências antigas, em geral, muito do que é considerado fora dos padrões da língua atualmente já possuíram prestígio em algum momento da nossa história.

Na linguística histórica, o rotacismo, como é denominado, trata sobre os casos de tendências antigas que são levadas adiante pelos falantes, não escolarizados ou da zona rural, por exemplo

Dando seqüência à atividade, o G1 selecionou alguns trechos de falas para comentar suas impressões sobre o modo como cada um se expressou.

O primeiro entrevistado trata-se de uma adolescente que possui um certo grau de familiaridade com o grupo, visto que estudam na mesma escola. Para eles, não

foi difícil conduzir a entrevista e nem houve nenhum embaraço durante o evento de comunicação.

Em relação aos demais, alegaram que sentiram uma necessidade de se posicionarem de forma diferente, uma vez que não eram pessoas do seu convívio. Isso nos mostra a necessidade que possuímos mesmo diante de uma situação informal a de utilizarmos uma linguagem variante e assim consequentemente compreendermos que apesar de se tratar de uma informalidade, também precisamos adequá-la à situação.

Nesta atividade, é possível destacarmos a ideia que possuímos sobre a variação diante da faixa etária dos falantes, já que é comum nos depararmos com expressões típicas da época de cada uma dessas pessoas, e muitas delas sofreram mudanças ao longo das gerações.

Além disso, para analisarmos alguns fatores referentes às variações determinadas pelas diferentes idades de um grupo, também é preciso que levemos em consideração os locais aos quais essas pessoas interagem, pois não há somente um fator que influencie a variação de uma língua.

Segundo Borttoni-Ricardo (2004), há tantos elementos da própria individualidade do falante (fenômenos estruturais) quanto àqueles que influenciam a partir das interações que os falantes fazem (fenômenos funcionais). Sendo assim, ambos contribuem diretamente para a formação do repertório sociolinguístico de cada um.

A seguir, destacamos alguns trechos coletados nas entrevistas e que foram transcritos pelos alunos. Posteriormente analisados durante as discussões com o grupo, como também a tirinha escolhida para contribuir com as impressões:

G1: Como você descreveria sua infância?

E1: Foi boa... ainda consegui pegar umas brincadeira mó top... foi legal.

G1: Como criança o que você imagina sobre a sua vida adulta?

E1: Ah, é que eu queria ser dotô!



Figura 9 – Análise linguística

Fonte: <http://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2015/07/tirinha-n-28-chico-bento.html>

Em discussão, foi destacado mais uma vez o termo “dotô” e “falô” que aparecem nos textos, esse caso é bastante comum surgir na oralidade, visto que ambas são variáveis das formas “doutor” e “falou”, respectivamente, também é possível encontrarmos esses traços nas falas da maioria dos brasileiros, independente da origem deles.

Embora uma entrevista gravada geralmente proporcione uma necessidade de monitorar o seu grau estilístico, porém isso não ocorreu, pois percebemos que houve uma interação bastante espontânea entre ambos.

Ainda podemos destacar a palavra “mó” que é uma redução da palavra “muito”, uma gíria bastante utilizada pelos jovens para designar algo que é muito legal e importante.

Ao analisarmos as outras falas percebemos que os demais não fizeram o uso dessa gíria, o que nos leva a identificar como algo mais característico da fala dos mais jovens e adolescentes. Entretanto, os alunos argumentaram que essa gíria não

é muito utilizada na zona rural, logo não achariam muito adequada se ela fosse empregada pelo Chico Bento.

Em seguida, destacamos um trecho da fala de uma doméstica, com 42 anos e pouca escolaridade:

G1: Como criança o que você imaginava sobre a sua vida adulta?

E2: Que qui eu imaginava? A ser uma boa pessoa.

G1: O que você mais gostava de fazer na sua infância?

E2: Eita, lascou. É, bom, o que eu gostava era de brincar com a gata, uma gata qui minha mãe criava.

Na fala do Chico Bento, inclusive nas tirinhas selecionadas para esta atividade, é possível encontrarmos várias incidências da pronúncia “qui” que é variante do pronome relativo “que”.

Ainda que seja comum encontrarmos essa expressão como exemplos de mau uso da língua ou um modelo de fala caipira, é comumente empregado em falares em todo o nosso país, seja área urbana ou rural.

Todavia, apenas em situações em que haja a necessidade de um maior monitoramento estilístico da língua, é que o falante pronuncia destacando a vogal /e/ da palavra, logo fenômeno é comum surgir em eventos da oralidade da nossa língua. Segundo Bagno (2004, p.57) “[...] vemos que as vogais médias /e/e/o/ são reduzidas em /i/ e /u/ em sílabas átonas [...]”

Já a terceira entrevistada, uma idosa com 70 anos, demonstrou um uso bem monitorado da fala, embora ela não possuísse nenhum grau de escolaridade. Isso gerou controvérsia, já que muitos alunos esperavam encontrar um grau maior de variedade linguística na fala dela, entretanto nos deparamos com uma linguagem bem adequada, provavelmente diante da situação comunicativa, incluindo o ambiente e principalmente o tópico da conversa, o interlocutor sentiu a necessidade de monitorar a sua fala.

Logo, isso nos evidencia que o uso de um grau maior ou menor de monitoramento podem estar mais ligados às situações comunicativas e que o fato de alguém não possuir uma boa escolarização ou ter relação direta com a zona rural não justifica ocasionar variações em sua língua. Pois de acordo com Bagno (2013), um falante que não possua pouca ou nenhuma escolaridade é capaz de ajustar sua produção verbal a fim de tornar a sua linguagem mais formal.

Depois de abordarmos as impressões do G1, passamos a analisarmos a linguagem contida nas falas do segundo grupo, o qual tratou de variedades linguísticas a partir de profissões diferentes, sendo que duas das pessoas entrevistadas eram vendedoras e uma gari.

Inicialmente retomamos algumas concepções acerca das variações linguísticas que podem resultar a partir da influência das atividades profissionais de uma pessoa.

Posto que alguns deles possuem uma linguagem característica de suas funções, pois algumas atividades que são exercidas demanda um domínio de determinadas formas da língua que são consideradas técnicas pelos profissionais.

Dessa maneira devido a existência de uma gama de termos específicos de cada área, o uso dessas variedades torna-se quase restritos a cada profissão.

Também compreendemos que algumas profissões permitem uma linguagem que possa variar para um grau maior ou menor de monitoramento da linguagem, ou seja, é permitido uma maior flexibilidade independente da função exercida.

Após este momento, o G2 destacou alguns trechos das falas que foram obtidas através das entrevistas. A seguir, fragmentos da conversa entre o grupo e uma gari, 37 anos com Ensino Médio completo.

G2: Qual o seu salário mensal?

E6: É novecentos e cinquenta mais salubridade fica mil e cem.

G1: Quanto tempo trabalha por dia?

E6: Quarenta horas.

G2: Com quantos anos começou a trabalhar?

E6: Muié, assim... faz doze anos que trabalho pela Prefeitura... mas trabalhar mesmo foi com sete anos de idade.

A partir desse trecho, podemos retirar algumas expressões para analisarmos, como: “É novecentos e cinquenta...”; “muié”. Ambas são facilmente encontradas em eventos da oralidade em situações corriqueiras, apesar dos falantes possuírem um conhecimento sobre as regras da gramática.

Com referência ao primeiro excerto, de acordo com Moura (2007), mesmo se tratando de uma norma culta da língua, as regras da concordância verbal já podem ser consideradas variáveis, a partir de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Além disso, são comuns encontrarmos regras de concordância que não são aplicadas em textos escritos e tampouco na fala. Portanto há casos dessas variações serem estigmatizadas pela sociedade, além de sofrerem críticas e serem alvos de preconceito linguístico.

Já o termo “muié” que é uma variante de “mulher” é um exemplo típico de uma variação social, assim percebemos que houve a vocalização da consoante palatal /lh/ e a perda do /r/ final, também é reconhecida como uma expressão tipicamente rural. Mas, segundo Bortoni-Ricardo, esse é um traço considerado descontínuo da língua, visto que a partir da aproximação das pessoas da zona rural a zona urbana, algumas expressões vão desaparecendo, de modo que não é distribuído de forma gradativa. Antunes (2007, p. 43) diz que

O componente lexical também conta significativamente para se definir e reconhecer os usos socialmente prestigiados da língua. Talvez conte mais do que o padrão gramatical. De fato, comumente, as variações lexicais estigmatizadas (por exemplo, “muié”, “trabaiá”, “estautá”, “ceuveja”, “sastifação”) causam mais impacto do que outras de natureza gramatical, algumas das quais até passam despercebidas.

Nas tirinhas do Chico Bento é comum nos depararmos com esse termo, inclusive os traços que sofrem distribuições descontínuas nas áreas urbanas são as que mais sofrem preconceito da sociedade.

Sendo assim, na linguagem do personagem em estudo, é possível encontrarmos traços deles que se estendem à fala de grande parte dos brasileiros, os chamados traços graduais e àqueles que não se apresentam em todas são conhecidos como traços descontínuos.

Dando sequência às discussões, nos reunimos para registrar através de relatos escritos quais as impressões finais sobre a temática e assim investigar quão absorvidos foram os conhecimentos sobre a variação linguística, especificamente em relação às atividades propostas nesta Sequência Didática.

1. Diante das análises e reflexões acerca dos fenômenos linguísticos estudados, principalmente as características linguísticas do personagem Chico Bento, relate quais as suas impressões finais sobre a relação entre a linguagem dele e a das pessoas que foram entrevistadas, assim como outros exemplos que surgiram durante nossas discussões, no intuito de analisar se a forma como o personagem faz uso da linguagem é específica de pessoas da zona rural ou pouco escolarizadas, além de expor outras considerações sobre as variedades linguísticas.

Nenhuma língua é mais certa ou mais usada e depende um de outros, por isso a principal é a região. Não isso não quer dizer que toda palavra que ocorre em uma determinada região ou em certa idade seja da mesma maneira.

Não podemos dizer que a linguagem do personagem Chico Bento seja a padrão para pessoas de zona rural, isso como exemplo de uma coisa que ocorre na zona rural e não da mesma maneira que alguém da zona urbana. Achar que a linguagem de pessoas de zona rural é igual a do Chico Bento ou que ele é usado se chama preconceito linguístico que pode ser combatido com a compreensão das pessoas em relação à sua língua.

As diferenças entre as pessoas entrevistadas não são de de saber algumas falar mais rápido e outras de falar com gírias e expressões diferentes. Todas das são a relação igual; é normal.

Figura 10 – Análise linguística

Fonte: Produção nossa

Diante do que exposto na produção acima, percebemos a assimilação feita pelos alunos em relação a heterogeneidade da língua. Também é notório perceber que a partir das reflexões e estudos sobre a nossa língua, puderam analisar fatos importantes sobre a linguagem do personagem Chico Bento.

Em consonância a isso, foi citado o caso de colegas de sala que residem na zona rural, mesmo ambiente que o personagem e nem isso os fazem como pessoas desconhecedoras da sua própria língua. Também destacaram alguns pontos importantes sobre as variações da língua, como: o sotaque, as gírias, regionalismos e até mesmo a intensidade com a qual falam.

Esta proposta foi bastante satisfatória, pois buscou a partir de algumas metodologias provocar reflexões sobre esse fenômeno em busca de esclarecer a razão pela qual muitos fatos surgem em nossa língua e assim entendermos que a variação linguística é um fator natural que surge e que os falantes são os responsáveis por haver tantas mudanças nela. E por este motivo nenhum texto deve ser utilizado como meio para críticas, estereótipos ou preconceito, uma vez que por trás dele sempre haverá uma circunstância para sê-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, buscamos nos dedicar às reflexões sobre o estudo da variação linguística, especificamente a partir de discussões e análises comparativas a partir da linguagem do personagem Chico Bento no gênero textual tirinha.

Este estudo possui grande relevância a nossa língua, visto que é comum nos depararmos com preconceitos e estereótipos de determinadas variantes que provocam uma desmotivação nas aulas de língua portuguesa.

Logo, esse estudo proporcionou uma visão diferente aos alunos, pois dessa forma eles puderam compreender que toda variação faz parte da língua portuguesa e que o fato de fazermos uso da língua fora dos padrões tidos como corretos pela gramática não faz disso uma língua errada e sem valor.

Considerando essa importância, o objetivo geral do nosso estudo foi analisar as variações linguísticas da língua portuguesa, a partir do estudo das tirinhas acima mencionadas, de modo que houvesse uma valorização dessa linguagem.

Para isso, especificamente buscamos reconhecer essas variações em outros contextos da língua, a partir de análises de outros textos, de produções orais e escritas para que pudéssemos examinar suas intenções comunicativas e se realmente a linguagem estaria coerente. Também buscamos proporcionar situações comunicativas a fim dos alunos adequarem sua linguagem ao contexto proposto.

A partir disso, propusemos um estudo pautado em discussões e análises textuais que proporcionasse um conhecimento que atendesse aos objetivos deste trabalho.

Através da aplicação de uma sequência didática desenvolvida com alunos do 9º ano de uma escola municipal, buscamos motivá-los acerca das variações linguísticas, de modo que percebessem o que pode ocasionar um preconceito linguístico. Também, propusemos a partir das discussões e atividades dispostas que pudéssemos observar a não existência de uma língua mais certa ou errada, porém aquela que está mais adequada à situação.

Além disso, foi necessário contrapor a linguagem do personagem da tirinha com outras em diferentes situações comunicativas, assim como de outros gêneros textuais, para que verificassem que o fenômeno da variação poderá estar presente em quaisquer gêneros.

Isso nos levou a refletir o quão controverso é a ideia de que a linguagem do personagem Chico Bento é um modelo de língua errada, para isso fizemos várias análises em expressões e termos falados por ele. E assim constatamos que não se trata de um estereótipo de língua de pessoas que moram na roça, já que foi possível nos depararmos com a mesma linguagem em outros textos e situações da língua, de modo que a forma como pronuncia as palavras não correspondem exclusivamente a variedades de regiões rurais.

Para tanto, as implicações deste trabalho foram satisfatórias, uma vez que a metodologia utilizada foi eficiente para que os objetivos fossem atingidos e assim, a compreensão acerca das variações linguísticas foram ampliadas, visto que as discussões foram bastante participativas.

No intuito de desenvolvermos este trabalho, partimos de alguns questionamentos sobre esta temática, como: a língua é uma identidade social para seus falantes? Esta indagação foi retomada bastantes vezes em nossas aulas, visto que quem faz uso da língua é o responsável por ela, ou seja, a língua não pode ser estudada e nem compreendida separadamente dos seus falantes. Sendo assim, cada língua representa os costumes e características de seu povo.

A partir dessa ideia, refletimos sobre outra questão: de que forma as variações linguísticas podem surgir nos diferentes contextos em que ela está inserida e o que pode influenciá-la? Pudemos compreender o quanto a nossa língua é rica e viva, não há instabilidade para ela, visto que à medida em que os falantes mudam, a língua também sofre alterações, e, essas influências podem surgir devido à diferentes e vastos motivos, como foi exposto neste trabalho.

Em meio às reflexões também avaliamos a maneira com a qual a variação linguística é tratada. De modo que fomos investigar: as análises textuais desprezam a linguagem e evidenciam apenas a gramática normativa? Infelizmente esta conduta é bastante recorrente nas escolas, o que gera a falsa ideia de que existe uma língua mais certa que outra, e que tudo que estiver fora desses padrões é considerado feio e sem valor.

A sequência didática proposta neste trabalho foi construída e realizada no intuito de momentos reflexivos a partir de tirinhas, bem como de textos variados, a fim de oportunizar através de textos do seu convívio, um estudo da língua portuguesa

e da sua diversidade linguística, especificamente em situações com a presença de variações da nossa língua.

Esta prática nos favoreceu um aprendizado significativo sobre esse fenômeno da língua, pois através dela, os alunos puderam compreender que a língua é uma identidade de todo falante, sendo assim os diferentes contextos em que ela está inserida, além dos propósitos comunicativos e de outros fatores extralinguísticos são responsáveis para que haja essas mudanças linguísticas.

Quanto às diversidades da língua e seus usos, também questionamos o que poderia gerar o preconceito linguístico. Assim, a partir do que foi discutido e analisado, pudemos perceber que muitas vezes pela falta de informação sobre o estudo das variações e principalmente pela ausência de um estudo mais minucioso sobre isso na escola, geram situações em que a linguagem do aluno é desprezada e anulada.

Isso provoca uma valorização apenas daquelas que estão cristalizadas nas gramáticas, sendo ensinada como um modelo de língua que em sua maioria vem expressa nos livros didáticos e utilizados como suportes nas aulas de língua portuguesa.

Diante do exposto, é preciso que possamos criar estratégias de ensino para que o aluno possa ter acesso a todas as formas de usos da nossa língua. Dessa maneira, ele aprenderia a adequar e compreender a língua portuguesa. Ademais, é necessário abolir práticas pedagógicas que visam analisar a linguagem de formas equivocadas, como a partir das tirinhas do Chico Bento, por exemplo, já que não se trata de um modelo de mal-uso da língua portuguesa, como foi discutido e exposto neste trabalho.

Por fim, é importante salientar que este assunto nunca se esgotará, visto que é algo relevante e que está presente em nosso dia a dia, principalmente na escola, onde essa temática deveria ser constante através de intervenções didáticas.

Abordar as variações a partir de textos autênticos é refletir sobre a língua a partir do ponto de vista que ela não estática, nem tampouco homogênea, uma vez que os falantes são os responsáveis por essas mudanças, à medida que também passam por transformações.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tânia M. Sociolinguística – parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, v.1. 2ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística**: pondo os pontos nos ii. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. **Sete erros aos quatro ventos**: a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

_____. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Preconceito linguístico**: como é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1998.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões (meta) teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. 6.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MOLLICA, Maria Cecília; Maria L. Braga. 2003. **Introdução à Sociolinguística**: o *tratamento da variação*. São Paulo: Contexto.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC, 1997.

_____. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC, 1997.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa; PEREZ, Daniel Gil. O saber e o saber fazer do professor. In: CASTRO, Amélia Domingues de; CARVALHO, Ana Maria de (org.). **Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média.** São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2001.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2012.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola.** São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística.** 6.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GALARZA, Débora Karam. Aulas de português, construção do conhecimento e interação social. In: FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria Stahl (org.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

KOCH, Ingedore. **Ler e escrever: estratégias de produção textual.** 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda M. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2011.

KOCH, Ingedore. **Desvendando os segredos do texto.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luís Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; *et al.* (org.). **Gêneros textuais e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MOITA LOPES, Luiz Paulo de. **Oficina de linguística aplicada.** São Paulo: Editora Mercado Letras. 2001.

MONTEAGUDO, Henrique. Variação e norma linguística: subsídios para uma re(visão). In: LAGARES, Xoán; BAGNO, Marcos (orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MOURA, Denilda. O tratamento das variantes padrão e não – padrão na sala de aula. In: _____. (org.). **Leitura e escrita: a competência comunicativa.** Maceió: Edufal, 2007. p. 11- 26.

RAMOS, Paulo. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

_____. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTOS, Lucíola. Dilemas e perspectiva na relação entre ensino e pesquisa. IN: ANDRÉ, Marli (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 3.ed. Campinas: Papyrus, 2004, p.11-26.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SOUZA MENDONÇA, Márcia Rodrigues de. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; *et al.* (org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA OS PAIS



Profletras
mestrado profissional

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ
DEPARTAMENTO DE LETRAS DO CERES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- PAIS

Pesquisa: Por uma abordagem social das variações linguísticas no gênero tirinha

Pesquisadora responsável: Tereza Cristina Nunes de Oliveira

E-mail: terezacristinanunesoliveira@gmail.com

Prezado(a) Senhor(a),

Gostaríamos de informá-lo (a) que seu filho (a) foi selecionado e convidado a participar da pesquisa **acima citada** a ser aplicada na Escola Municipal Prof. Raimundo Guerra. Os objetivos principais da pesquisa são: Examinar as variedades linguísticas da língua portuguesa, sob uma concepção sociolinguística, a partir do gênero tirinha, especificamente do personagem Chico Bento, sem que haja uma desvalorização da língua da língua empregada nela.

A participação dele é muito importante e esclarecemos que é totalmente voluntária, podendo: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade do(a) mesmo(a)

Garantimos que o(a) senhor(a) senhora tem a segurança de receber esclarecimentos a qualquer dúvida acerca da pesquisa a qualquer momento.

Este termo está elaborado em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada, entregue a (o) Senhor (a), e a outra, será arquivada pelo pesquisador.

Caicó/RN, ____ de _____ de 2018.

Tereza Cristina Nunes de Oliveira
Responsável pela pesquisa

APÊNDICE B – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Profletras
mestrado profissional

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ
DEPARTAMENTO DE LETRAS DO CERES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
Mestrado Profissional em Letras**

Pesquisa: Por uma abordagem social das variações linguísticas no gênero tirinha

Eu, _____, responsável
(pai, mãe ou responsável) por
_____, declaro ter sido
informado (a) e esclarecido (a) sobre a finalidade e objetivos desta pesquisa,
concordo e autorizo a participação do meu (minha) filho (a), como voluntário (a),
nesta pesquisa.

Caicó/RN, ____/____/2018.

Assinatura do pai, mãe ou responsável

APÊNDICE C – VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM TIRINHAS DO CHICO BENTO

SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
UM NOVO OLHAR SOBRE A LINGUAGEM NO GÊNERO TIRINHA	
GÊNERO TEXTUAL	Tirinha
ASSUNTO	O tratamento da variação linguística no gênero tirinha
OBJETIVO GERAL	Motivar a consciência dos alunos acerca da variação linguística para que eles possam perceber os pontos mais relevantes que distanciam a linguagem deles da variedade padrão e que de forma sistemática possam ser analisadas e exploradas e a partir disso possam adequá-las ao seu propósito comunicativo.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Tomar conhecimento sobre os elementos básicos do gênero tirinha; ▪ Analisar a linguagem contida nesse gênero em estudo e abordar os traços linguísticos presentes nele; ▪ Verificar os tipos e níveis de variação linguística; ▪ Discutir fatos relacionados ao preconceito linguístico; ▪ Desmitificar situações em que a linguagem seja vista como erro e não como uma variação da nossa língua.
CONTEÚDO PREDOMINANTE	Variação linguística
HABILIDADE PREDOMINANTE	Escrita
DESTINATÁRIOS	Alunos do 9º ano do ensino fundamental II
DINÂMICA	Em grupo e individual
TEMAS ABORDADOS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Múltiplas linguagens no gênero tirinha ▪ Diversidade linguística ▪ A variação linguística influenciada pelos níveis da língua e fatores extralinguísticos

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Preconceito linguístico ▪ Variedades linguísticas
RECURSOS NECESSÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Material impresso ▪ Projetor multimídia ▪ Aparelhos de áudio e vídeo ▪ Lousa e marcador
AValiação	A avaliação será realizada de modo individual e em grupo, através de observações acerca do desempenho dos alunos de modo coletivo, além disso a partir dos objetivos que foram propostos a fim de que as expectativas sejam atingidas diante da problemática explicitada nesta sequência.
APLICAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	
DURAÇÃO: 4º BIMESTRE DO ANO LETIVO DE 2018	
ATIVIDADES DAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E METODOLOGIAS	
1º MOMENTO (03 AULAS)	
GÊNERO TEXTUAL	
Tirinha	
OBJETIVOS	
Aprimorar as habilidades de leitura e tomar conhecimentos sobre os elementos básicos da estrutura do gênero em estudo.	
CONTEÚDO	
Leitura e discussão de tirinha	
MATERIAL NECESSÁRIO	
Material impresso com uma seleção de tirinhas do personagem Chico Bento.	
METODOLOGIA	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Através de uma conversa informal, identificar os conhecimentos prévios que os alunos possuem relacionados ao gênero. 	

- Apresentar aos alunos o gênero, solicitar uma leitura em seguida e discutir suas características.
- Analisar os recursos visuais, os tipos e funções dos balões presentes nos diálogos dos personagens.
- Explorar as características presentes no discurso direto e indireto.
- Discussão oral sobre o enredo das tirinhas expostas.
- Reconhecer os suportes textuais peculiares deste gênero.

AVALIAÇÃO

A avaliação partirá dos conhecimentos prévios que o aluno possui sobre o gênero tirinha.

2º MOMENTO (04 AULAS)

GÊNERO TEXTUAL

Tirinha

OBJETIVOS

- Propiciar aos alunos um momento de reconhecimento de que na nossa língua há uma grande diversidade linguística que faz parte da identidade dos seus falantes e que a mesma deve ser respeitada e valorizada;
- Refletir o uso dessas tirinhas muitas vezes como pretexto para configurar apenas exemplos de variação, muitas vezes sendo vista como “erro” da língua portuguesa;
- Investigar o que pode motivar os fenômenos da variação linguística;
- Analisar e discutir as características da linguagem usada pelo personagem da tirinha em estudo;
- Correlacionar a linguagem dos personagens da tira com a dos próprios alunos;
- Pôr em prática situações que exijam dos alunos situações diferentes de graus de monitoramento da língua.

CONTEÚDO

- Variação linguística
- Graus de monitoramento da linguagem
- Preconceito linguístico
- Produção escrita

MATERIAL NECESSÁRIO

- Cópia de tirinhas selecionadas do personagem Chico Bento.
- Proposta de atividade impressa (produção textual).

METODOLOGIA

- Juntamente com os alunos ler e retomar alguns conhecimentos sobre o gênero e do personagem da tirinha, além de outros pontos que porventura surgirem.
- Propor aos alunos que identifiquem nas falas dos balões expressões que eles considerem estar fora da norma-padrão e se as utilizam em seu dia a dia. Na oportunidade, também discutir se essas expressões são apenas utilizadas por pessoas que moram na roça ou que não tenha frequentado a escola, estereotipando assim os personagens da tira como sinônimo de erro.
- Mediante conversa, propor uma discussão acerca do que pode influenciar a nossa língua a ponto de haver traços peculiares dos seus falantes, além disso retomar o fato de que muitas pessoas não reconhecem isso e conseqüentemente causem situações em que se revele o preconceito com a língua.
- Solicitar uma produção textual, a qual disponibilizará duas situações comunicativas, a fim de que exercitem circunstâncias em que devemos monitorar a nossa linguagem, considerando o propósito comunicativo como um todo.

AValiação

A avaliação será baseada através da participação e assimilação dos alunos sobre os aspectos discutidos, como também a partir das produções textuais que foram propostas.

3º MOMENTO (04 AULAS)

GÊNERO TEXTUAL

Letra de música

OBJETIVOS

- Examinar a variação linguística presente no nosso cotidiano através de gêneros populares;
- Discutir o propósito comunicativo das músicas selecionadas;
- Identificar e analisar em cada texto os traços linguísticos e relacioná-los segundo alguns níveis de variação, como a morfológica, sintática, semântica, lexical, estilística...
- Compreender de que forma os fatores extralinguísticos influenciam essas variações;
- Relacionar os níveis de linguagens ao preconceito linguístico e consequentemente à discriminação com alguns gêneros musicais.

CONTEÚDO

- Diversidade linguística
- Níveis de linguagem

MATERIAL NECESSÁRIO

Material impresso com algumas letras de músicas de gêneros diversificados.

METODOLOGIA

- Leitura e análise da letra de cada música disposta na atividade.
- Solicitar aos alunos que identifiquem no texto as expressões que consideram como variações, discutir com eles sobre os possíveis motivos

para isso e logo após também pedir que determinem quais delas possivelmente são utilizadas no dia a dia deles, assim como aquelas que não fazem parte do seu vocabulário e tratar as razões disso.

- Relacionar as expressões que apresentarem variações nas letras de músicas às que foram destacadas na tirinha da atividade anterior e promover um debate sobre as suas características e suas pressuposições.
- Sugerir uma discussão relacionada a causa e consequência dos fatores que contribuem para essas variações e se houve algum propósito para que a linguagem obtivesse determinadas variações apresentadas.
- Diante das discussões, provocar uma conversa sobre a influência da música no cotidiano das pessoas, e se há possibilidade da linguagem utilizada nela motivar o preconceito linguístico, que na maioria das vezes também gera uma aversão à determinados ritmos musicais.

AVALIAÇÃO

A avaliação partirá das observações realizadas nas discussões e posicionamentos dos alunos nas propostas.

4º MOMENTO (04 AULAS)

GÊNERO TEXTUAL

- Verbete
- Glossário

OBJETIVOS

- Expor a função e as características que possuem o gênero verbete e glossário, e a partir disso compreender a sua estrutura;
- Observar que as variações linguísticas podem estar presentes diante de diferentes situações vividas por esses alunos, independente do contexto em que convivam;
- Relacionar as variações linguísticas à identidade cultural de seus falantes;
- Retomar as discussões relativas ao regionalismo.

- Entender que um mesmo vocábulo poderá dispor de mais de um significado, considerando para isso as variantes linguísticas.

CONTEÚDO

- Variedade linguística
- Variável linguística
- Regionalismo

MATERIAL NECESSÁRIO

Material impresso para a organização do glossário das variantes.

METODOLOGIA

- Através de uma conversa informal apresentar alguns exemplos de glossário e verbete para que percebam que fazem parte até mesmo de algumas atividades que eles realizam na escola.
- Retomar a linguagem empregada nas tirinhas e analisar as variações que se apresentam, assim como se houve ou não um propósito ou algo que tenha influenciado diretamente àquelas expressões.
- Partindo dessa observação e das atividades anteriores com a linguagem das tirinhas, solicitar que se organizem em pequenos grupos para que atentem para o cotidiano deles e procurem listar alguns termos e expressões que usem ou tenham conhecimento e que consideram como variantes de alguma palavra, de modo que também indiquem qual o significado que eles conhecem ou utilizam aquele termo.

AVALIAÇÃO

A avaliação será a partir da participação dos alunos da discussão, bem como através da produção do glossário das variantes. Serão analisadas a participação em grupo e individual desses alunos.

5º MOMENTO (05 AULAS)

GÊNERO TEXTUAL

- Entrevista
- Relato

OBJETIVOS

- Exercitar a produção textual escrita e também a oral.
- Desmitologizar situações em que a nossa linguagem possa ser vista como erro e não como uma variação da nossa língua;
- Perceber que em todas as situações de uso da língua o falante pode necessitar adaptar a sua língua, diante do seu propósito e até mesmo de alguns fatores sociais;
- Compreender que as variações da nossa língua são fatores naturais dela;
- Perceber que são os falantes que influenciam a língua constantemente diante de várias situações, tornando-a com um traço da nossa identidade cultural.

CONTEÚDO

- Variedade linguística
- Regionalismo

MATERIAL NECESSÁRIO

- Previamente, dividir a turma em grupos e solicitar aos alunos que busquem fazer algumas gravações de vídeos ou apenas vozes, através de entrevistas ou preferencialmente situações habituais de determinados grupos sociais.
1º grupo: Faixa etária diversa
2º grupo: Diferentes profissões
3º grupo: Graus de escolaridades distintos
4º grupo: Moradores da zona rural e urbana, também pessoas que fossem de regiões diferentes do país, se tivessem a oportunidade.
- Material impresso para a produção textual.
- Seleção de tirinhas

METODOLOGIA

- Expor de forma sucinta as características e estruturas dos gêneros que serão explorados nesta atividade, uma vez que utilizarão para coletar informações e registrar suas impressões sobre as nossas discussões, respectivamente.
- Retomar assuntos que vêm sendo debatidos sobre as tirinhas do Chico Bento e promover um debate sobre a hipótese daquela linguagem ser peculiar somente de falantes da zona rural, tornando assim um modelo de registro da língua.
- Utilizar algumas falas das tirinhas selecionadas e confrontar a linguagem empregada nelas com a do material coletado por eles.
- Em uma discussão sobre as impressões finais referentes à variação linguística, solicitar que em grupo produzam um relato a respeito das considerações sobre o que absorveram e puderam compreender diante das discussões e da prática em busca de esclarecer fenômenos da língua, visto que os próprios alunos sentiam essa necessidade de entender determinados fatos da linguagem que eles utilizam em seu dia a dia.

AVALIAÇÃO

A avaliação será realizada por meio do empenho nas atividades direcionadas, além disso o posicionamento deles nas discussões serão analisadas se estão pertinentes diante do foi exposto durante as atividades desenvolvidas.

APÊNDICE D – PROPOSTA DE PRODUÇÕES TEXTUAIS

Alunos: _____ 9º ano

Caicó/RN, ____/_____/2018

Produção textual**1ª Produção**

Suponha que você, sendo nordestino, 18 anos, com Ensino Médio incompleto, morador da zona rural, pleiteia uma vaga numa empresa de cosméticos em São Paulo. Como se expressaria diante do entrevistador, por sinal, muito exigente com o uso formal da língua. Elabore um diálogo entre ambos. Deixe claras as noções de variação e do preconceito linguístico.

2ª produção

Como se expressaria um idoso, analfabeto e com dores nas costas diante de um médico ortopedista? Elabore a consulta num grau de aceitação por parte do médico tendo em vista as expressões usadas pelo seu paciente.

ANEXO A – TIRINHAS DO PERSONAGEM CHICO BENTO

Turma da Mônica Mauricio de Sousa

